

OBLAÇÃO

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

À MEMORIA

DE SEU PRESIDENTE HONORARIO

O SENHOR DOM AFFONSO

AUGUSTO PRIMOGENITO

DE SUAS Magestades Imperiaes

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

1847



OBLAÇÃO

et. 20'

*Lagos,
7.º.º.*

A SUAS MAGESTADES IMPERIAES

O. D. C.

O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO,

DA SESSÃO DE 17 DE JUNHO DE 1847.

Entra em discussão, e é unanimemente approvada a seguinte proposta :

Tendo o Imperio do Brasil perdido na Pessoa do Augusto Principe Imperial o Senhor Dom Affonso um dos objectos mais caros de sua futura grandeza e de suas esperanças; e tendo o Instituto Historico e Geographico Brasileiro na Pessoa do mesmo Serenissimo Senhor perdido tambem o seu Presidente honorario : propomos que o Instituto celebre uma reunião especial para commemorar a saudade que nos deixa tão inesperado e doloroso successo, na conformidade do programma junto.

Sala das sessões do Instituto, em 17 de Junho de 1847. — *Manoel de Araujo Porto Alegre.* — *Manoel Ferreira Lagos.* — *Francisco Manoel Rapozo de Almeida.*

PROGRAMMA.

No dia 1.º de Julho, ás 5 horas da tarde, reunir-se-hão na sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro todos os Senhores Membros que quizerem concorrer ao acto, trajados com a decencia conveniente.

Aberta a sessão, o Ex.^{mo} Sr. Presidente fará uma allocução analoga ao objecto: seguir-se-ha o discurso do Orador, e depois as mais peças, em prosa ou verso, que os Senhores Socios quizerem recitar.

Todos os Senhores que desejarem recitar alguma composição, terão a bondade de avisar anticipadamente ao Secretario perpetuo, a fim do Ex.^{mo} Sr. Presidente poder dar-lhes a palavra por sua vez.

Os Senhores Socios que tiverem de recitar tomarão assento junto da mesa da Presidencia.

Terminará a sessão com a leitura da acta respectiva, a qual será lavrada pelo 1.^o Secretario, e assignada por todos os Senhores Socios presentes.

Pelos jornaes se fará constar esta resolução a todos os Senhores Socios residentes na Córte, convidando-os para virem tomar parte em tão solemne acto.

Todas as peças recitadas serão impressas com a maior nitidez possivel em um volume, de formato grande, dedicado pelo Instituto aos Augustos Pais do Principe fallecido. D'esta publicação só se tirarão quinhentos exemplares, que serão distribuidos pelos Senhores Socios, depois de numerados, rubricados pelo 1.^o Secretario, e sellados com o sello do Instituto.

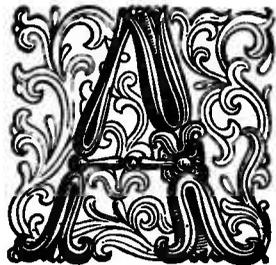
Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1847. — *Manoel de Araujo Porto Alegre.* — *Manoel Ferreira Lagos.* — *Francisco Manoel Rapozo de Almeida.*

Manoel Ferreira Lagos,

1.^o Secretario perpetuo.

DISCURSO DO PRESIDENTE

SENHORES

 BRINDO a sessão que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro especialmente consagra á manifestação de sua dôr e saudade, no prematuro passamento do Principe Imperial o Senhor Dom Affonso, seu Presidente honorario, sinto renascerem subito as considerações afflictivas, que em relação á Familia e á cidade surgiram de tropel no meu animo de pai e Brasileiro, ao ouvir a infausta nova do inopinado golpe.

Em verdade, Senhores, quão transitoria é a ventura, essa alcunhada ventura, que se esteia nos caducos bens d'este mundo! No malfadado dia onze de Junho tocado haviam meus labios a mimosa dextra do Principe que pranteamos: então cheia de vida essa angelica dextra, que devia empunhar um dia o sceptro de ouro da Terra de Santa Cruz, revolvia na bibliotheca particular do Augusto Pai, entre brincos infantís, estampas zoologicas, nas quaes com precoce penetração distinguia, apontava, e nomeava muitos e diversos animaes. Poucas horas havia que eu tinha sido jubilosa testemunha da complacencia e alegria em que se espraivavam os corações de um Pai terno, de uma Mãi carinhosa, revendo-se no primeiro fructo de sua abençoada união. Poucas horas havia que admirando o portentoso desenvolvimento das facultades intellectuaes do Imperial Menino, eu rendia graças ao Supremo Fundador dos Imperios pela bem-augurada duração e prosperidade da dynastia do Heróe dos dous mundos, e pela estabilidade e ditoso porvir da Monarchia Americana, em cujo throno adamantino tinha de sentar-se um Principe, que na tenra idade de dous annos, tres mezes e dezoito dias, fundadas esperanças dava de succeder tambem nos talentos e virtudes dos excelsos Progenitores. Eis que com a velocidade do raio circula a tristissima noticia do fallecimento do Principe adorado, doce origem de tão fagueiros pensamentos. Adeos sonhadas delicias domesticas! Adeos futuro risonho de lisongeira politica! O mimoso filho do Senhor Dom Pedro Segundo já não existe! É morto o primogenito do Brasil, o herdeiro presumptivo da Corôa!

Em tanta calamidade, Senhores, eu vi o dedo de Deos, conheci o effeito da cólera celeste, não pude refrear o pranto: e qual seria o Brasileiro que podesse tanto? Maldito seja o homem que em transe tão apertado se envergonha de chorar; que em deixar correr as lagrimas não se avilta ninguem! Si o nascimento dos Principes é um acontecimento fausto para as Nações constituídas como nós; si é assumpto de publico regozijo; si é mesmo considerado, e com razão, um favor do Céu; não póde deixar de ter-se por sinistro acontecimento, e por castigo de Deos, a morte dos Principes; seja qual fôr a idade em que ella sobrevenha; embora nossa religião santa nos offereça a consolação de que os annos da innocencia os collocam desde logo na mansão dos justos. Sim, Senhores, é punição do Céu a morte do Senhor Dom

Affonso: a nossa desunião, as nossas dissensões internas, denunciando a ingratição com que insensatos recebemos os beneficios da Providencia, desvelada em outorgar-nos um Soberano de tantas virtudes, armaram a justiça divina, desafiaram a ira do Altissimo, e chamando sobre nós o golpe exterminador, foram ferir tambem os corações do Par Augusto, que só acha consolação na resignação evangelica.

É n'essa mesma resignação que nós podemos deparar, Senhores, com a nossa consolação, e na esperança de que tornando-nos dignos das misericordias do Altissimo, nos seja conservada a Serenissima Princeza Imperial a Senhora Dona Isabel, e tenhamos a dita de ver brotarem muitos ramos virentes do viçoso Tronco Imperial.

E vós, Imperador excelso, dignai-vos de aceitar as flores, que sobre o tumulto do innocente Principe esparge a mão de um pai, que, victima de semelhantes golpes, póde, Senhor, calcular a intensidade de vossa dôr; de um subdito leal, que honrado com a importante missão de acompanhar-vos no rapido desenvolvimento de vossos sublimes talentos, vos consagra um amor superior ao de um simples subdito ao seu Monarcha, e sente as magoas do vosso magnanimo coração, como.... Senhor! como sente um pai as de seu filho.

Dignai-vos de aceitar as oblações que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que sois o inclyto Protector, depõe, pungido de saudade, sobre o angelico jazigo de seu Augusto Presidente honorario, do vosso primogenito filho.

Está aberta a sessão.

Candido José de Araujo Vianna.

DISCURSO DO ORADOR

N'aquelle dia amavel, de tantos sonhos de ventura, n'aquelle hora de felizes presentimentos, n'aquelle instante em que do alto do Castello se annunciou ao mundo que um Principe Americano acabava de nascer, e que o throno do Brasil já tinha o desejado successor; n'esse dia de enthusiasmo para o Imperio, e de grata recordação para o Instituto, ninguem de certo ousaria prophetisar esta nossa reunião de hoje, nem o motivo sagrado que preside e pésa na consciencia de todos os membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O delirio patriótico que ferveu em todos os labios, essa onda de alegria que se elevou aos Céos, como um hymno de jubilo, como um canto genethliaco, se acha agora sopitado pela mais profunda dôr; todas essas imagens risonhas, todas essas brilhantes creações, toda essa perspectiva de desejos tão bellos, que se alongava nas azas da esperança por um futuro tão grandioso, todas essas sublimes realidades da mente e do coração se converteram n'uma tarima e n'um sudario.

Foi um somno perfumado, um sonho luminoso, uma d'essas viagens ethereas, cujo despertar é de trevas e pranto!

O Instituto teria retrogradado com suas oblações ante o Throno Imperial, e represado em seus labios esses patrióticos emboras, essas saudações de um jubilo espontaneo, se elle previsse n'aquelle dia memoravel a terrivel peripecía que lhe aguardava o futuro, a perda irreparavel do seu Serenissimo Presidente honorario o Senhor Dom Affonso, em cuja frente repousava a segurança da continuação do seu alto patrocínio, de sua felicidade e de sua grandeza.

N'essa frente infantil, radiante de magestade, aonde se mesclavam em mutua delicia os osculos do amor o mais puro, o mais suave e o mais santo que ha na terra; n'essa frente infantil, n'esse cofre precioso de serenidade e de innocencia, tambem repousavam o amor de um povo e os destinos de um imperio! Ella era mais um êlo de ouro que se prendia a essa cadêa que cinge o pacto da alliança fraternal, era um symbolo de paz e de gloria, um legado de abundancia, um thesouro para nossos netos; era o vinculo da concordia futura, a gemma preciosa que devia rutilar debaixo d'este céu americano a luz benfíca de sua augusta origem, e continuar a derramar sobre nossos descendentes esse influxo de virtudes, esse exemplo admiravel de paternidade e de munificencia que o Céu nos outorgou nas pessoas de seus altos Genitores.

Essa frente tão tenra e tão mimosa era uma pedra angular do monumento erguido no Ypiranga; era mais um alvo aonde burilava a esperança os decretos de nossa grandeza.

É triste o acordar de um sonho de delicias; é de certo aterradora a vigilia de lagrimas e de desespero. É uma agonia dolorosa para um povo monarchico, para um throno nascente e isolado no Novo Mundo, este vácuo, esta perda tão grande, esta anciedade que só acha allivio na esperança e na bondade da Divina Providencia.

Aonde estão todas essas emoções ardentes, todas essas vozes que crusavam os ares do Imperio, alinhando a symphonia que denunciava a esse spectaculo augusto; quem sepultou esse mundo radiante, esse astro propicio na escuridão dos tumulos, e nos collocou em um ermo, e n'uma soidosa orphandade?

Quem foi que ousou arrebatâr do gremio augusto e amoroso de sua heroica Mãi esse filho, que ainda ha pouco fruia seus osculos e seus carinhos, e magnetisava com sua candura, com seus sorrisos, essas doces effusões, essas delicias que beatificam a alma e o coração materno; quem veio desfazer esses paineis patheticos, que mal pôde bosquejar a arte de materialisar as idéas e a lyra do vate?

Esse apparatus risonho de louçanias, esse cortejo pomposo, essas galas do coração, esse mundo unguido de perfumes, esses beijos pater-naes de incessante doçura, e que imprimem o sello de um amor quasi divino e superior a todos os gozos da terra: quem converteu em luto?

Quem ordenou ao Anjo dos sepulchros que fosse bafejar em seu rosto de rosas a pallidez da morte, e que eternamente apagasse em seus lindos olhos o reflexo da luz do sol americano, e lhe arrebatasse entre vasças e agônias essa alma tão tenra e tão pura, tão intelligente e tão docil, baldando as esperanças de um Imperio e a de seus Augustos Genitores! Quem?!

A Providencia! A Providencia que nos quiz mostrar na humanação de um anjo o terrivel exemplo de sua omnipotencia!

Ella quiz que n'uma época vertiginosa, que no seio de um povo ingrato a tantos beneficios do Céu, se operasse este grande sacrificio; para que os Brasileiros melhor soubessem apreciar sua ventura na America; para que elles olhassem o Throno como o palladio de sua grandeza e de sua unica felicidade; para què elles no meio do sobresalto de um golpe extraordinario, encarando o passado, calculando o futuro, se abraçassem, se unissem, e recuassem diante do abysmo medonho, que mais de vez tem cavado a cegueira de mesquinhas paixões.

O esquecimento da patria, esse terrivel vasio, esse hediondo scepticismo, que é o primeiro annel da cadêa infernal da immoralidade e da barbaria; o esquecimento da patria, esse crime de lesa-grandeza, esse aborto das entranhas do egoismo, é quem prepara aos povos esses cataclysmas de sangue, essas tempestades que, depois de arrasarem

tudo quanto é nobre e grandioso, depois de espedaçarem todos os elementos do bello e do sublime, deixam-no erguido entre as ruinas de sua ferocidade e de sua ignorancia para usurpar um throno architectado no centro de um abysmo, entre as chammas do remorso que o devora, e que o extingue no meio da mais terrivel desesperação.

A victima para este grande holocausto, Senhores, a victima que devia expiar nas aras da morte tanto sangue derramado, estava décretada nos Céos! Ella não fez mais que descer de sua celestial morada, poisar alguns instantes no seio de uma Princesa virtuosa, offerecer seus risos e seus carinhos a um Principe magnanimo e bondadoso, colher em sua fronte augusta os osculos do mais puro amor, receber de um povo os delirios de seu enthusiasmo, viver um dia, e remontar á sua eterna patria, deixando-nos um palpavel exemplo do poderio do braço do Senhor! d'esse braço que acena, e abre a terra, e submerge um povo inteiro, envolto no seu proprio sangue, e o cobre com a campa das ruinas e do esquecimento, com a poeira dos tempos, com o silencio dos seculos, até que as plantas do peregrino erradio toquem no esqueleto marmoreo de sua finada grandeza, e vão na patria longinqua levar seu nome na lista das nações extinctas.

O compasso da arte não acha assento nos desalinhos da dôr: os gemidos do philosopho, as lagrimas do patriota, todas as idéas previdentes se harmonisam n'um ponto sublime, no concerto grandioso de uma idéa generosa e creadora, que se desvaneceu. O profundo sentimento d'esta inesperada e eterna ausencia volve nossas vistas errantes no horizonte nublado do futuro, e nos colloca n'essa expectativa melancolica que só acha lenitivo na esperanza.

Olhemos para esse berço onde ha pouco o primogenito da patria resplendia cheio de vida; olhemos para esse leito de purpura onde ha pouco nossos olhos se embebiam da imagem da formosura, vertendo em nossos corações idéas tão lisongeiras; olhemos para esse leito tantas vezes embalado por uma mão materna, por uma dextra augusta; olhemos para esse berço onde esvoaçavam mil sonhos de ventura, fallaces creações, simulacros germinados pelo amor, pela mente de um Pai extremoso, pela phantasia do Principe da juventude, de um Augusto Poeta; olhemos, Senhores, para esse berço querido onde ha pouco adormecêra o filho dilecto do Brasil; interroguemos essas regias douradas, esses muros cobertos de purpura e ouro,

e perguntemo-lhes por elle, pelo nosso Principe, pela esperança da patria?

Apenas nos responde um gemido, um gemido profundo, eloquentissimo! Apenas vemos, immovel como a estatua da dôr, Aquella que lhe deu o ser, abraçada com a religião, unindo a cruz do Christo ao seu peito angustiado, como para acalmar a dôr inexplicavel de seu coração materno, e a do coração lanhado de seu Augusto Consorte: e entregando a Deos, a Deos sómente, a sua justa afflicção, a sua saudade; porque só Deos sécca as lagrimas no rosto do infeliz, e desmaia os quadros da memoria, encobrando atravez do tempo essas scenas ltuosas que fazem da vida uma pendula que oscilla entre os risos da esperança e as lagrimas do infortunio.

Debaixo dos tectos dourados do paço, no centro d'essas alamedas redolentes, d'esses jardins paternos, já não echôa a sua voz angelica, e nem um côro de risos innocentes responde com o accento do amor ás suas vivaces expansões, a esses galanteios que aos pais retratam a imagem do Céu e as delicias da bemaventurança.

A ufanía paterna, a gloria de o haver gerado tão bello e tão digno de ser imitado por um Praxiteles ou por um Albano, todos esses extasis amorosos se converteram no abatimento de uma saudade eterna.

Aquelles que são pais, aquelles que são sensiveis, só podem apreciar a intensidade da afflicção paterna, a dôr de uma mãi aterrada quando vê fugir de seus braços o primeiro fructo do seu consorcio, a mais cara pagina do livro de suas delicias, o seu filho, o corpo do seu corpo, a alma de sua alma, o amor do seu amor, o vinculo sagrado do seu thalamo, e o herdeiro de suas virtudes e de sua gloria,— a imagem do seu esposo.

Desgraçadas mãis; desgraçados pais, que não podem comprar, nem a troco de um mundo, a vida de seus filhos; nem rojados por terra, mergulhados nos transes mais pungentes da dôr, supplicando e chorando podem reter nos labios de seus filhos essa aura invisivel, essa vida fugitiva que se esvaece entre soluços, e que de um instante para outro instante transforma esse ente amado, essa creatura cheia de vida e de belleza n'uma massa inanimada, n'um livido cadaver; é que os deixaria na terra como em um deserto, em uma solidão de dôres, em um ermo de desesperação, n'um cháos, se a religião não os viesse consolar, e interpôr suas maximas divinas entre a alma e o coração.

O coração de um pai é um microcosmo fiel e variado de todas as tempestades da terra: ha n'elle um espaço sagrado onde se representam os dramas do amor com tanta vivacidade e força, com emoções tão grandes e tão variadas, que é impossivel daguerrotypal-as: o turbilhão de affectos que ahi redomoinha é tão intenso, tão poderoso, que impossibilita comparal-o sem amesquinhar sua grandeza.

Os annaes do coração paterno formam essa epopéa da vida intima, cujas machinas são illusões e realidades, lampos de incerteza e de esperança; mas este canto, este sublime reflexo do mundo d'alma, duplica de magestade e de heroismo quando se opera no coração da mulher, no coração de uma mãe! Ella, e só ella possui no mais alto gráo esses rasgos incomprehensíveis, essa força sobrenatural que faz do amor materno a admiração de todos os tempos, o manancial perenne de todas as bellas artes, o throno de sua gloria, e a veneração do genero humano.

O coração materno é a lyra portentosa onde todas as cordas do amor vibram o hymno pathetico dos anjos; elle é o espelho celeste onde se reflectem todas as virtudes da mais pura alliança; é n'esse instrumento de constancia e de desinteresse que a alma se eleva e trasborda nos lances os mais terriveis em torrentes de heroismo, sempre triumphantes dos calculos da pausada philosophia.

O Principe, meus Senhores, no dia onze de Junho ao meio dia ainda expandia em suas faces essa magia de um sorriso infantil, n'essa hora venturosa ainda sagravam sua fronte as benções matinaes de seus Augustos Genitores; ainda em torno d'essa loura fronte esvoaçavam mil visões paternas, mil desejos sagrados, verdadeiras préces da mais alta amisade; ainda elle era o predestinado por Deos para um dia fruir esse futuro gigantesco que aguarda o Imperio do Brasil. Mas . . a hora infausta para a patria, e feliz só para elle, tinha soado na atalaia da morte; era o signal da separação; e abriu-se um panno mortuario, e acobertou para sempre tantas esperanças de uma prematura felicidade.

Foi no casto gremio de sua Augusta Mãe, entre os seus braços, no regaço triumphal de seus carinhos, no seu throno de amor, que a morte, a cruel morte o veio despedaçar!

Foi entre um tumulo e um berço, entre a morte e uma esperança, entre oppostas realidades que se operou esta catastrophe medonha

para o Imperio, este quadro de sublimes contrastes que baralham todos os calculos humanos, e collocam o coração de um pai nos transeos os mais assustadores:

Um filho expirando, outro tocando a méta de sua apparição, e uma innocentinha Princeza sorrindo-se e atravessando este encontro memoravel este abalo atterrador da urna dos destinos de um Imperio

Grande Deos, muito hão soffrido os nobres corações d'esses Augustos Consortes n'essa hora tremenda do passamento do seu primeiro filho!

Se a Providencia prepara estas grandes catastrophes nos pontos mais culminantes da humanidade, junto dos thronos que ella dirige, para que os Principes colham na escola do pranto a experiencia da desventura; se ella desfecha estes golpes inesperados para mais humanar os grandes, e irmanal-os um dia com os outros homens, fazendo-os tambem sentar na pedra fria da desgraça; se ella n'essa hora solemne, aprumando as flechas do infortunio sobre sua fronte coroada, lhes faz desaparecer todas as grandezas da terra, e os faz comparecer diante do sujeito da verdade, em face de um terrivel desengano, diante do abysmo do tumulto que engole todas as categorias e nivela todas as condições:

De certo, meus Senhores, esta terrivel lição não cabia ao Principe magnanimo, virtuoso e caritativo, que rege os destinos do Imperio americano, nem tão pouco a essa inconsolavel Princeza, a essa dignissima esposa que para elle nasceu. As suas almas foram vasadas no molde da virtude; ellas são a realisação da mais bella idéa de Deos, d'essa idéa sanctificada por todas as gerações e pela religião de Jesu-Christo: em suas veias gira o sangue de S. Luiz, de Isabel Catholica, de D. Manoel e de Maria Thereza.

Estava escripto nos decretos de Deos que este primogenito tambem fosse uma victima da morte.

Quiz Deos que fosse vedado eternamente a esse filho do Brasil o assistir ao espectaculo estrondoso do futuro, a essas refundições de uma natureza bruta em monumentos das artes e da industria, a esse concerto tumultuoso de uma vida progressiva, de uma grandeza incalculavel, baseada nos mais bellos elementos que a Providencia outorgára ao homem.

Quiz Deos que aquelle que nascêra coroado das mais altas esperan-

ças para ser recebido na terra pelos Reis, no meio de alas triumphaes, no meio dos vivas enthusiasticos de um povo, devesse em tão curto espaço trocar a regia por um tumulto, o throno pelo esquife da Misericordia, e as acclamações, os cortejos, os triumphos, essas recepções solemnes, todas essas pompas de magnificencia e de esplendor, pela apparição de um pobre monge, coberto de burel, descalço, por um filho de S. Francisco, que lhe estendesse a mão, abrisse-lhe o jazigo, e lhe entoasse esse hymno funereo da religião, que é a rasoura que nivela todos os homens ante os porticos da eternidade.

Quiz Deos enfim que outro fructo d'esse thalamo exemplar venha nos braços da esperança, no regaço do nosso amor. para empunhar um dia esse sceptro americano, essa haste triumphal, essa vara de ouro, que se ergue entre colossos, coroada pelo grypho imperial, debaixo de cujas azas deslisam o Solimões e o Paraná margeando o sumptuoso delta, o leito de ouro e diamantes do gigante brasileiro.

A morte do Senhor Dom Affonso é uma grande calamidade para o Imperio do Brasil; é uma esperança decepada para o Instituto Historico e Geographico; e para seus Augustos Genitores será sempre um sentimento de inconsolavel saudade.

A S. M. A IMPERATRIZ

CANTICO ELEGIACO

Ave, Mater dolorosa,
Natum lugens inelytum!
HYMNO DA IERUSA.

Risus dolore miscbitur, et extrema gaudi
luctus occupat.

Psalm. 14.

.... Le spectacle d'une éclatante prospérité
n'est plus guère qu'un présage funeste.
M.^{me} DE STAEL.

MELODIA I

UM BELLO DIA NO SUL DO IMPERIO.

De perto a viram na formosa plaga
Que as do Cruzeiro lucidas estrellas
Decoram com a luz que estreme affaga
Do americano hemispherio as terras bellas.
E então as ternas mãis quando admiraram
A angelica bondade
Da sua Imperatriz ou divindade,
« Aos peitos os filhinhos apertaram »

E em voz estremecida
Ao Arbitro supremo do destino
Pediram com fervor guardasse a vida
Do candido Menino,
Que trouxera ao Brasil a paz, a esp'rança,
Que era penhor d'união, signal de alliança.

Deos, ó Deos, que nos doaste
Tão virtuosa Imperatriz!
Entre as que tem e amam filhos
Dá que seja a mais feliz.

Possa encontral-o dormindo
No fim de sua longa ausencia,
Vivo como a rosa edenica,
Bom como o anjo d'innocencia.

E ouvidas foram as ardentes préces :
Tornou a vél-o a excelsa Mãi saudosa :
Oh! como é doce vêr a prole amada
Depois de triste ausencia vagarosa!

Prazeres deleitosos
Das festas mundanaes,
Fulgores deslumbrosos
Do esplendido festim;

Oh pompas triumphaes
Prodigios da riqueza!
Dynastica grandeza,
Real poder, em fim;

Dareis ao coração
Prazer que seja igual
Á diva exultação
Do affecto maternal?

Não é o sentimento
Mais intimo e cordial?
Não dá contentamento
Já quasi divinal?

MELODIA II

CAMPOS.

De perto o viram nos fecundos plainos
Onde o Parahyba expande a grão corrente,
Calma ou rapida, muda ou refremente.
De perto o viram, numen bemfazejo,
Ou anjo de bondade,
Favor, indulto, graças derramando,
Realizado aos seus subditos mostrando,
O ideal da Magestade.
E os povos, n'um transporte de alegria,
A Deos pediram supplices a vida
Do Imperador, da Esposa esclarecida,
E a d'esse que affiançara á Monarchia
(Tenrinho infante amavel)
Ventura perduravel.

E nos salões esplendidos voava
O jubilo em mil formas: a opulencia

Desdobrava a imperial magnificencia
Das pompas consagradas ao Monarcha.
Tinia a ortygia alvinitente prata
 Das preciosas baixellas,
E a flava côr, que é sempre aos olhos grata,
Do heliaco metal, em formas bellas,
Em vasos e ornamentos fulgurava.
O diaphano crystal, ceruleo ou claro,
D'indica porcelana, em formas varias,
De jaspe e marmor finctas alimarias,
E tudo quanto é rico, bello ou raro;
O diverso matiz das lindas flores,
A fragrancia que ufanas exhalavam,
Da macia alcatifa os mil layores,
Os sentidos e a mente lisongeavam.

A rosa purpurina,
Os cravos encendidos,
Ou côr alabastrina,
Os myrtos tão queridos
Pela bella mãe de Amor.

Em lindos ramalhetes
De formas mil donosas
Se alteiam nos bufetes;
Pyramides formosas,
Symetricos festões,
Que alegam os salões
E ostentam seu frescor.

Dos convivas circula
A leda turba ingente,
Haurindo o redolente

Odôr que no ar ondula :
A musica modula
Mil canticos de amor.

Não vês que as niveas télas já recama
A copia multiforme dos manjares,
Q'os circumfluentes ares
Com effluvios suaves embalsama.
Roseos, purpureos, flavos, aureos vinhos,
Escumam, murmurejam, borbulhando
Nos concavos crystaes;
« Pelas aureas abobadas voando »
Os brindes entusiasticos errantes
Ás estrellas se elevam tremulantes.

« Gloria e vida venturosa
Ao excelso Imperador,
Gloria e vida á Augusta Esposa
E ao Fructo do seu amor! »

E as faces de açucena ou de jasmim
Das sensiveis donzellas
Tingiram-se, tornando-se mais bellas,
De puro rosicler, ou de carmim.
E mais d'uma d'entre ellas que já sente
De ser esposa e mãe desejos vagos
Diz n'alma : « Oh tenro Principe innocente!
Com que prazer te oblára os meus affagos
Se tambem fosses vindo!
No teu semblante lindo
Talvez vislumbrem já
Virtudes com que um dia
A patria aditarás.

« Oh! como eu beijaria
A mão que aos filhos meus
Munifica algum dia
Benigno estenderás! »

Oh fervido entusiasmo inexaurível
De povos que tem reis d'um Deos imagens!
Oh nobre sentimento irresistível
Que escassas julgas tantas homenagens!
Persiste para sempre porque és justo.
Davam-se em honra do Sob'rano Augusto
Bailes, saráos, festas incessantes;
Dos convivas a turba fina e culta,
Já departida em pares ferve, exulta,
E já dos inebriantes
Prazeres delirantes
O electrico vapor se diffundia
Puro, invisível como a flamma etherea.
Na rápida porfia
Da valsa incandescente
Sylphida graciosa ou nympha aerea
Era cada beldade alli presente.

E n'essa hora as amplissimas salas
Mais que a luz rutilavam diurna:
Qual um rio, expandindo-se da urna,
O bom gosto espargira suas galas.

Manavam das alampadas
E lustres elegantes
Torrentes de esplendores,
Que vivas ou cambiantes
Tornavam lindas côres

Dos trajos roçagantes
Das que á Mãi de amores
Alli dariam rivaes.

Radiavam mil fulgores,
Reflexos deslumbrantes
Dos limpidos diamantes,
E de olhos tentadores
Luzeiros celestiaes.

Se os olhos enfeitiça brilho tanto,
A alma pelos ouvidos se extasia
Co' o ineffavel encanto
Dos magos sons da alada symphonia;
E mais de uma formosa, palpitante
Na duvida, no pejo, e na esperanza,
Almeja por ser par do Augusto Imperante,
E exulta quando esta honra insigne alcança.
No volver d'estas horas de delicias,
Como lédos annuncios de ventura
As festas vem dourar as fieis noticias
D'aquella que assegura
A felicidade da Nação Brasileira,
O idolo d'ella, a Imperial Familia.

MELODIA III

Dominus illuminatio mea et salus mea : quem timebo ?
PSALM. 26, v. 1.º

De rosas tropicaes, benigno lume,
Cingido, abrilhantado,
De auras do Paraiso perfumado,
Assoma um dia solemne.

Exulta, ó grande Imperio Americano!
Escolhidos do povo que escutais
Quão nobremente louva o Soberano
O amor que achou em subditos leaes,
Guardai no coração
O almo voto da augusta gratidão.
Exulta, ó grande povo americano!
Quem póde annuiar os teus destinos
Se o Deos de perennal misericórdia
Olha para ti com olhos tão benignos,
Dá-te ordem, liberdade, paz, concordia?

Raiára um bello dia, e no socego
Da solita morada o Grão Monarcha
Do tempo seu, qual sóe, o digno emprego
Reparte nos que innumerados abarca
Cuidados e pensões a missão regia.
Sabio e leal ministro tem ao lado,
Nobre em virtudes, genio illuminado.
E a Imperatriz egregia
Em maternas cuidados desvelada
Na mente e labios tinha a prole amada.

Dorme, dorme, tenro Infante,
Como a flôr
Em quanto o alvor
Da manhã não vem radiante.

Entre os Principes, donoso
Qual racimo
Lá do cimo
Das collinas de Engaddí;

Reinarás, e glorioso,
Qual a rosa
Primorosa
Reina na oriental Delhi.

Dorme! qual dorme o plumoso
Passarinho
No seu ninho
De musgo ou vêllo mimoso.

MELODIA IV

*If thy breast soft pity knows
O! drop a tear with me.
Knox.*

Oh susto inesperado, annuncio infando!
Porque, gentil Menino, assim despertas
Tão doloroso grito ao ar soltando?
Porque vagam incertas
Tuas vistas, e tremente,
Em vascas convulsivas,
Em ancias afflictivas,
Extincto já pareces de repente?
Oh Deos! o anjo da morte
Pousou-lhe junto ao leito,
E a mão pezada e forte
Lhe pôz no tenro peito!....
Como ferida a subitas do raio
Cahiu, cahiu n'um subito desmaio
A terna Mãi que o adora,
E o coração presago
Lhe diz que o perde — e já perdido o chora —
Na eterna ausencia ao seu materno affago.

Estrella matutina, flôr da aurora,
Primogenito infeliz que á prematura
Morte és fadado por destino adverso!
Porque teu existir tão pouco dura?
Ah!... deixarás teu Pai na dôr submerso;
Os olhos maternaes serão duas fontes,
E enlutados de novo os horizontes
Do imperio teu futuro,
Dirão teu caso escuro.

MELODIA V

D'un bel pallor ha it bianco volto asperso :
..... In questa forma
Bassa il bel fanciullin, e par che dorma.
Tasso, *Gerusalemme liberata*, cant. 12.º, st. 69.

Já de mortal pallor lhe tinge a face
A Parca illacrymavel :
Eis solta o suspiro extremo, e a fugace
Vida troca pela vida perduravel.
Celeste defensor, brasileiro archanjo,
Nos penetraes do Empyreo acolhe o anjo;
Filha extincta do Heróe, Real Menina,
E tu, ó santa, augusta Leopoldina,
E tu que ergueste solios nos dous mundos ;
Primogenitos, victimas mimosas*,

Imitação do admiravel hymno da Igreja aos santos innocentes :

Salvete, flores martyrum,
Quos lucis ipso in limine
Christi insecutor sustulit,
Ceu turbo nascentes rosas.
Vos, prima Christi victima,
Grex immolatorum tener,
Aram ante ipsam, simplices,
Palmâ et coronis luditis.

Da Casa Bragantina,
Roubadas quaes recém-nascidas rosas
Por turbilhões rompentes e iracundos;
 Vós que brincais nas aras
 De nunca vistas gemmas,
 Da mystica Sion,
 Com as palmas preclaras
 E auríferos diademas;
Esta alma recebei que a terra indigna
Era de possuir: — Virgem, padroeira,
 Do Imperio da Cruz santa,
Protege a Imperatriz em magoa tanta,
Ora a Deos pela familia brasileira.

Qual som de rouco estrondo se propaga
 A nova desastrosa;
Por theatros, ruas, praças circumvaga,
E a publica alegria tumultuosa
 Se torna em dôr silente.
Os que o viram tão lindo e tão formoso
Despontar como um sol no seu oriente
Choram-lhe o fim, o fim tão lastimoso.
Cessou do vulgo insano o passatempo:
 Se alguém se não contrista
É desnaturado ignavo egoista.
O amante se esqueceu por algum tempo
Da que adora, donzella pudibunda,
 E a prenda sua querida
 Na face rubicunda
E nos olhos deu signal de commovida.

MELODIA VI

La creatura bella bianco vestita.
DANTE.

Ei-lo defeso á dôr, embalsamado
Pela poetica myrrha do sepulchro;
De niveas vestimentas ataviado,
 Espera em leito pulchro
Homenagens de amor, eterno adeos
D'afflictos subditos e d'amigos seus.

Ei-lo deixando a estancia em que nascera,
Onde o vagido seu echoou primeiro,
D'onde voando a nova pela esphera
 Foi ao Brasil inteiro
Dar esperança, jubilo, alegria,
Espancar os horrores da anarchia.

Ei-lo na sala do Brasileo Throno,
Onde algum dia empunhando o sceptro
Verificar devera o fausto abono
 Que o infortunio tetro
Em poucas horas mallogrou tolhendo
Que resistisse a flôr ao turbo horrendo.

Aqui lisonjas doces não lhe infundem
Orgulho como sóem aos homens-numes.
Qual ante as aras thuricremas se effundem
 Arabicos perfumes,
Assim o cheiro aqui de suavidade
O ambiente purifica da vaidade.

Como ardem estes cirios tristemente!
Como da morte os psalmos são funereos!
N'esta hora em que o sol desce ao occidente
 Dos vertices ethereos,
Voltavas com teu lindo estado e guardas
Para a Quinta: a hora chega, porque tardas?...

MELODIA VII

É noite: a azul esphera constellada
Resplende, ostenta de pureza estreme:
Sobre a pompa de um prestito espalhada
 A luz siderea treme.

Dormem as auras placidas,
E as civicas bandeiras
De armigeras fileiras
Pendem sem fluctuar.

É tempo, amado Principe;
O tumulo te demanda:
Na igreja veneranda
Te cumpre repousar.

Cidade colossal, rainha do Austro,
Ahi tens dos filhos teus o predilecto,
O enlevo, o mimo do teu doce affecto,
 Tirado em aureo planstro.
Não é conquistador qu'em triumpho se ergue
Brandindo a fera espada coruscante;

É um debil menino, tenro infante,
Que humilde entrou no funerario alvergue,
Oh Principe adorado! em paz descança!
Comtigo se acabou mais d'uma esp'rança:
Tu devias abrir o seculo d'ouro
Das letras e da sciencia mal aceita,
Dando aos cultores seus amenos dias,
Futuros amplos; e não sorte estreita.

Quantas hei visto glorias eclipsadas!
Quantas vidas findar inda immaturas!
Gloria a ti, Senhor, lá nas alturas*:
Tu, só tu és o Immortal:
Tudo existe n'este mundo,
E tudo acaba segundo
Tua lei providencial.

Sobre o cume do Libano exaltado
Vi magestoso incorruptivel cedro:
O Imperador, o Rei, o grande Pedro,
O digno de mil thronos e venturas.
E cahiu, e vagou com a chara Filha,
E morreu: — e aos furores e loucuras
De infidas turbas a infeliz se humilha.
Gloria a ti, Senhor, lá nas alturas:
Tu, só tu és o Immortal:
Tudo existe n'este mundo,
E tudo acaba segundo
Tua lei providencial.

Como a palma de Iduméa
Que, se peso immenso a opprime,

A copa ergue mais sublime,
Vi a santa Imperatriz
Na sua quadra mais feliz
E depois nas amarguras.
Gloria a ti, Senhor, lá nas alturas:
Tu, só tu és o Immortal:
Tudo existe n'este mundo,
E tudo acaba segundo
Tua lei providencial.

Como o lirio de Saaron
Nevado enfeito do val,
Oh Princeza virginal,
Só dez primaveras duras.
Gloria a ti, Senhor, lá nas alturas:
Tu, só tu és o Immortal:
Tudo existe n'este mundo,
E tudo acaba segundo
Tua lei providencial.

E hoje no bosque intonso
De existencias transitorias
Te vejo, recente arbusto,
Cortado por ferro adusto.
Mas que digo? não, Affonso!
No vergel das veras glorias
Ora existes transplantado,
Cresces, vicejas, ao pé
Da celeste Siloé,
Cujas mysticas e puras
Agoas já te hão outorgado
Felicidade eternal.

Santiago Nunes Ribeiro.

DISCURSO

*Reptus est ne malitia mutaret intellectum ejus, aut
ne fictio deciperet animam illius.*

Foi arrancado para que a malícia não lhe pervertesse
o entendimento, ou para que não seduzissem a sua alma
as apparencias enganosas dos bens d'este mundo.

Ltv. na SABBODIA, cap. 4, vers. 11.

Brasileiro e amigo sincero dos Objectos sagrados, em cujas mãos se acham depositados os destinos da patria, pai de familia já ferido com a dolorosa perda do primogenito, apaixonado cultor das sciencias naturaes, cujo progresso tanto importa promover na terra da Santa Cruz, tão rica de beneficios do Creador, membro titular emfim do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, eu não podia, Senhores, deixar de verdadeiramente magoar-me e sentir um golpe terrivel com o funesto acontecimento por que teve de passar o Brasil no infausto dia onze de Junho.

O Príncipe Imperial, o herdeiro da corôa diamantina, o nosso Presidente honorario, predestinado para protector das sciencias no seu paiz, do qual devia ser o esplendor, o Senhor Dom Affonso, em quem já se começavam a divisar os signaes de uma alta intelligencia, e das eminentes qualidades que um dia o haviam de tornar digno successor de tantos ascendentes illustres, deixou de existir na tenra idade de vinte e oito mezes incompletos.

Ah! quem tal diria! Quem poderia presumir que tão breve devia ser a carreira d'este Menino Augusto, que ainda ha pouco tempo com o seu desejado nascimento enchera os nossos corações das mais doces illusões do amor, da alegria e da esperanza! Quem poderia prever que o Infante Imperial, destinado para sustentar em suas mãos as redeas d'ouro do magnifico Imperio Americano, dentro de tão curto espaço deixaria de animar-nos com a sua presença encantadora, e que hoje estaria eliminado já do numero dos vivos?

Eis o que desgraçadamente acaba de acontecer. Seus olhos cerraram-se para sempre á luz do dia. Ás graças infantís succedeu a pallidez da morte, e as rosas que adornavam o seu berço murcham hoje sobre a urna que encerra seu inanimado cadaver. Que segurança nos podem inspirar, á vista de tal exemplo, a mocidade, o vigor e os mais ternos desvelos empregados para prolongar os dias do fragil mortal? O que é a vida do homem? Pó que o vento espalha, leve fumo que se dissipa e esvaece. O tempo, á maneira de uma torrente precipitada, a envolve no seu turbilhão, fazendo-a desaparecer para nunca mais voltar. A eternidade como um abysmo insaciavel sorve os dias do moço como os do velho, e para me servir do bello pensamento de um profundo moralista, o conde d'Oxenstirn, — o instante em que entramos na scena da vida perto está do instante em que d'ella salimos*. Nascer e morrer, tal é a divisa do homem, eis a historia do Serenissimo Príncipe Imperial o Senhor Dom Affonso.

Sim, elle não conheceu as penas e as afflicções d'este mundo, e se acaso se demorou por um momento á porta da vida, direi com o religioso cantor dos tumulos** — foi sómente para se purificar da mancha original.

Pensées de M. le comte D'Oxenstirn. Haye, 1764, tom. 2, pag. 198.

** Meditações do Dr. James Hervy, traduzidas. Lisboa, 1805, pag. 80.

Dotado de uma constituição, onde se não descobria germen d'essas enfermidades que ameaçam na infancia a existencia do homem; tendo nascido perfeito e cheio de vigor e belleza, atravessou são e robusto o espinhoso periodo da lactação; e quando de dia em dia se tornava mais interessante e encantador pelo successivo desenvolvimento do seu organismo, a vida lhe fuge, e com a rapidez do raio em um instante sua alma vôa ás regiões celestes. O Supremo Regedor dos imperios, que tudo dispõe com sabedoria e misericordia, o manda trocar a vida temporal pela eterna, as glorias caducas d'este mundo pelas glorias da immortalidade que o esperam, a corôa imperial por uma corôa de luz perpetua no Céu. Em menos de seis horas os decretos do Todo Poderoso estavam cumpridos, e o nosso adorado Principe tinha deixado de existir, terminando a carreira de seus dias. Tal foi a duração de sua enfermidade, e o pequeno espaço que precedeu a sua lamentada morte.

Dispensai-me, Senhores, de traçar aqui o doloroso quadro dos tormentos que soffre em seus ultimos instantes; não vos pintarei as convulsões violentas que agitam seu tronco e membros, os descompassados movimentos de seus olhos, o estado anormal do seu pulso as faces pallidas, o gradual resfriamento de suas extremidades, o rosto coberto de suor frio, a respiração cansada, e finalmente ; mas para que despedaçar ainda os nossos corações com a pungente renovação de dôres tão penetrantes? O Senhor o deu, o Senhor o tirou, seja sempre bendito o seu nome santo.

A vida do nosso amado Principe, breve porém dourada pelas mais doces e mais bem fundadas esperanças, foi para o Brasil um d'esses brilhantes meteoros, cuja luz ephemera refulge e desaparece nas abobadas celestes. Em seu apparecimento nós o contemplámos com enlevo, e durante o pouco tempo em que gozámos de tão bello espectaculo, não cessámos de bem dizer o Creador por nos ter permittido observar phenomeno tão portentoso. Eis aqui, illustre auditorio, o que aconteceu com os Brasileiros nos poucos dias que tiveram a fortuna de ver no meio de si o Principe Imperial, delicias do povo, esperança do Throno.

Mas, oh dôr! Este brilhante astro tendo apenas nascido, e só percorrido uma mui diminuta parte da orbita que lhe era destinada, depressa eclipsou-se para sempre. A morte, cortando inexoravel o fio

d'esta vida que nos era tão cara, deixou-nos tristes e oppressos nas trévas, procurando anciosos a estrella que de repente nos fugira sem que podessêmos saber o como, ou indicar o ponto para onde se havia retirado. Justo Deos, para que nos privastes do anjo que nos tinheis concedido como um signal precioso do vosso amor! Para que assim despedaçastes os puros e nobres corações dos virtuosos Soberanos do Brasil?! Si acaso o Senhor Dom Affonso tinha de morrer ainda no berço, para que o fizestes ver á luz do mundo!

Parece na verdade cruel que os Brasileiros, mimoseados com este fructo de benção, quando alegres principiavam a gozal-o e a saboreal-o com doçura, se vissem d'elle privados quando menos o esperavam. Que crimes commettemos nós para se impôr tão grande pena? Oh Deos de prodigios, quão incompreensíveis são teus juizos! Deixas sobre a terra infecionando-a com seu halito mortifero o assassino feroz, o nefando calumniador, o blasphemo sacrilego, e fazes d'ella sahir o pai de familia, a mãe carinhosa, o eidadão prestante, o filho querido, as primicias de um casto amor. Como penetrar decisões á primeira vista tão injustas e crueis! Como vir ao conhecimento da razão de taes mysterios!

Temerario! que acabo de proferir?! Ser infinito, tuas obras e teus caminhos são inescrutaveis, teus decretos são dictados pela justiça e sabedoria: adoral-os é um dever da tua creatura, e o melhor uso que ella pôde fazer da sua razão é humilhar-se diante de ti.

Com effeito, para que havemos de formar queixas contra esta providencia paternal do Creador! O Principe cuja perda lamentamos era uma bella e mimosa planta, que o Senhor quiz esconder no seio da terra, e d'esta sorte salvá-a antes que ella chegasse á estação turbulenta das tempestades; ou usando das expressões das Sagradas Escripturas, foi arrancado para que a malicia não lhe pervertesse o entendimento, ou para que não seduzissem a sua alma as apparencias enganosas dos bens d'este mundo. Sim, se aos nossos olhos parece que morre, a sua alma hoje se acha em paz.

Perecem as nações e a sua gloria, perecem os trabalhos que a mão do homem pretendia oppôr á voracidade do tempo, o viajante passa muitas vezes desapercibido por esses theatros de grandes acontecimentos nas idades passadas, sem ao menos descobrir o vestigio dos seculos, porém a campa dos sepulchros não pôde abafar o fogo celeste

do espirito creado para arder, brilhar e permanecer a par da existencia do mesmo Deos, e é a immortalidade quem lhe assegura tão grande beneficio.

Quanto não é pois consolador o dogma sublime da immortalidade! Mystério profundo, elle encerra a origem de toda a ordem, de toda a justiça. Só baseados n'elle é que nós Brasileiros podemos achar o balsamo saudavel e proprio para dar allivio á dôr causada pelo golpe tremendo que soffremos. E é possivel que houvesse pensadores tão preocupados, ou antes tão degenerados, que julgassem que o homem tinha unicamente vindo a este mundo para como bruto viver sem gloria e morrer sem esperanza! O que é a consciencia se a alma não é immortal!

Que valor ficavam tendo para nós o amor, a amizade e a natureza, se não devessemos encontrar depois da morte aquillo que perdemos de mais caro n'este mundo de enganos, se não tivessemos a certeza que estes amados objectos iam receber longe de nós o premio de sua innocencia e virtudes? Felizmente para a humanidade tudo sobre a terra, tudo até á illusão e a dôr, lhe recorda a immortalidade. Quem senão ella podia encher de inspirações a alma elevada de Chateaubriand? Foi ella quem lhe dictou as admiraveis paginas do Genio do Christianismo, quem inflammou a lingua eloquente de La Mennais e afinou a harpa sagrada de Lamartine.

Com esta convicção consolemo-nos pois, o nosso querido Affonso goza do verdadeiro bem a que se póde aspirar na companhia de Deos, Senhor da Natureza.

Mas, Senhores, si hoje o Principe, fóra das miserias humanas, possue a bemaventurança eterna, si agora anjo da côrte celestial implora sem duvida a protecção divina a favor dos Soberanos e Povo Brasileiro, não é possivel todavia apagar em nossos peitos fieis a pungente saudade que sentimos pela sua eterna separação.

Sua morte contristando nossos corações não nos deixará por muito tempo outro lenitivo senão as lagrimas e o pranto, e por isso n'esta sessão solemne, dedicada especialmente á sua memoria, seja-me licito repetir com o incomparavel auctor dos Threnos — distillem lagrimas os nossos olhos, e as nossas palpebras se alaguem de rios d'agua.*

* Jeremias, cap. 9, vers. 18.

Quem, reflectindo nas grandes esperanças que o paiz depositava n'este Augusto Menino, não se sentirá acerbamente magoado ao lembrar-se que com a sua morte tudo foi-se, tudo se desvaneceu! Quem poderá condemnar o justo pranto que dos olhos nos faz verter tão grande perda?*

Teçamos pois graciosas grinaldas, emblematicas do nosso profundo sentimento de dôr, para ornar a magestosa frente de quem tanto pranteamos; e para melhor podermos desempenhar este patriotico e louvavel dever, venha cada um dos membros do Instituto depositar sobre o tumulo do Senhor Dom Affonso, seu Presidente honorario, este tributo de amor e respeito.

Principe! Nós viamos em ti a esperança da Patria, a estabilidade do Throno, o futuro progresso das sciencias e letras brasílicas, assim te amavamos, ou para melhor dizer, te idolatravamos. Tivemos o infortunio de te perder, achamo-nos penetrados de immensa dôr, e devorados de saudade acerba de todo o nosso coração te choramos. Tua angelica imagem, tuas graças infantís, teu immortal nome, jamais se apagarão da memoria dos Brasileiros que tiveram como eu a ventura de pela ultima vez beijar tua já fria mão.

Quis desiderio sit pudor aut modus tam cari capitis!

HORACIO, *livro 1.º, ode 24.*

Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

A S. M. A IMPERATRIZ

◊ PRINCIPE PERDIDO ◊

BALLATA

NA QUINTA DA BOA VISTA, JUNTO Á FONTE DA SAUDADE.

Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a água.
Camões

Lá Dom Pedro creava
O vasto Imperio seu,
Que aos ferros libertava,
Que tanto lhe deveu.

E a angelica Princeza
Em afflicções mortaes,
Nos braços da tristeza
Aqui soltava os ais.

Aqui desconsolada

Soltava o pranto seu,
Chorando amargurada
O infante que perdeu.

E elle — a innocencia

No brando e meigo olhar,
Com o riso da clemencia
Na face a despontar :

E elle — a sua vida,

Seu sonho, seu porvir,
Cuidado e doce lida,
Eternos no carpir :

E elle — do novo Imperio

O anjo tutelar,
No aposento sidereo
Novo anjo foi poisar!

E d'alta Magestade

Ao pranto aqui brotou
A fonte da saudade,
Que nunca mais seccou.

E o Céu, por mitigar-lhe

Tão tetrica afflicção,
Quiz novo anjo mandar-lhe
Como em reparação.

Cedo gentil menino

Do Céu rindo baixou;
Ao seu anjo divino
Todo o Brasil saudou.

E si a patria soffria
Audaz guerra civil,
Do Céu o anjo pedia
Pelo anjo do Brasil.

Mas inda, ó mago encanto!
Murmura a fonte os ais,
Vertendo o amargo pranto
De seus males mortaes.

OBLAÇÃO.

Princeza, sobre a terra
O bem une-se ao mal,
À paz segue-se a guerra,
Por ordem natural.

Não vês? Que mago encanto!
Murmura a fonte os ais,
Vertendo o amargo pranto
De seus males mortaes.

Mas ah! tambem respira
O grande Successor,
Que á bella patria aspira
No orbe alto esplendor.

O Céu mil bens concede
Por um cansado mal;
E Deos quando nos pede
Nos pede um bem real.

**Não vês? Que mago encanto!
Murmura a fonte os ais;
Vertendo o amargo pranto
De seus males mortaes!**

Joaquim Norberto de Souza Silva.

CANTICO

C'est ainsi qu'il mourut, si c'était là mourir!...
De LAMARTINE.

**Com o sorriso de amor nas faces bellas
Sonha a querida patria
Fallaces dias de ventura e gloria;
Sonha almas esperanças
A despertar com tristes realidades!
E ha de a flôr mimosa
Murchar-se inda em botão mentindo o fructo!
Apagar-se entre trévas**

O astro que desponta radioso
No turbado horizonte,
Envolver-se no manto da tormenta
O iris de bonança!

E elle, loiro e meigo e bello infante
No berço da innocencia,
Qual lindo beija-flôr em molle ninho,
O gozo saborêa
Da existencia que placida se escôa
Entre caricias, mimos,
Como tremulo arroio a desfiar-se
Por entre selva e flores!
Os brincos infantís o embriagam
Mais que a luz rutilante
Do diadema imperial, que deve um dia
Ornar-lhe a augusta fronte;
Mais que o brilho da purpura que o aguarda,
Mais que a esplendida pompa
Do throno que descansa em fidos peitos;
Mais que o esplendor do sceptro,
Que empunha da justiça a mão benigna
Do Prata ao Amazonas;
E o anjo do Senhor, que traz extincto
Facho de luz de vida,
Vem com elle sentar-se merencorio
Qual junto á vida a morte.

Que dôr ao vel-o alçar tenrós bracinhos,
Quaes duas brancas azas,
Como almejando paternal afago
E com elle a existencia!
Ah! é o abraço eterno, o adeos extremo,
A sua despedida,
Que na angustia fatal que o assoberbá
Mal expressar lhe é dado.

A dôr em ais dos peitos se desprende!
Amargo pranto vertem
Paternos olhos, que o conter mal podem;
Cruéis presentimentos
O futuro de mágoa patenteiam,
O véo lhe adelgçando.

Mas qual celeste raio de bonança
As procellas rompendo,
Á terra mostra o céo sereno e rindo;
Assim a dôr se abranda,
Roça-lhe o riso da existencia as faces,
E nos augustos peitos
Já renasce a esperança, já se acalmam
Os mortaes sobresaltos,
Os pensamentos horridos, funestos,
Qual mar, que após as iras
Branda e suavemente se abonança,
E os céos em si retrata.
Mas ó dôr, ó pezar, ó mágoa, ó pena!
Não é a doce vida!
É o tufão traidor que pelas ondas
Qual a brisa se espraia!
É a nuvem que doira a luz do dia
E em si aloja o raio!
É o sorriso da morte que lhe assoma
Entre as graças da infancia!

Qual pende emmurhecida á debil hastea
A flôr de um breve dia,
Ao prepassar da brisa alma, que espira
Gratissimos odores,
Como que nos convida á doce vida;
Assim gentil menino
Sobre o berço da infancia o embala a morte
A duro e eterno somno,

Lá quando o sol em sombra atra se envolve
A despontar mais bello,
O sol, que não verá mais no Oriente
Surgir em lago de oiro!

Oh! como revocal-o á existencia?
Falham d'arte os prodigios!
Ah! poupe ella si quer a fatal nova
Aos corações paternos!
Mas a noticia vóa resoando
Nas curvadas abobadas,
E os ouvidos que soffregos bebiam
Balbuciantes phrases
De innocencia e de amor, de mal formados
Passageiros queixumes,
Como ora escutarão o caso triste,
O compungido brado
A um coração de mãe — teu filho é morto!?
E aquelles ternos olhos,
Os olhos com que amor via constante
Candida imagem sua,
Com que mágoa entre o véo de acerbos lagrimas
Verão esses despojos,
Triste recordação do fatal golpe,
Real e cara sombra
De um sonho que embriaga a phantasia
E fiel permanece?

Oh! como ainda é bello! Como ri-se
N'aquelles frios labios
A morte que o tomou, qual doce somno
Nos congelados braços!

Alma candida e cheia de bondade,
Ah! torna, ah! desce á terra
A consolar o Imperio, que suspira

De dôr e de saudade!
Anima inda outra vez a massa inerme!
Vem nos dar nos sorrisos
Doces consolações a tanta pena!
Vem enxugar o pranto
Dos olhos paternaes, que em vão te buscam
No berço da innocencia
Por entre as flores, que contigo murcham!
Oh! que este sol tão pulchro,
Que em tanta louçania hoje se eleva,
Oh! que este céo tão puro,
Estas aguas sonoras, estes bosques,
Estas vastas campinas
Que se cobrem de flores odorosas,
O alegre estampido
Da artilharia, que repete o echo,
E o som quebro e miudo
Que brinca saltitando sobre o bronze
Nas elevadas torres,
São imagens da vida e não da morte!
Ah! sim, tu não morreste!
Em breve os Céos te mandarão de novo
Ao teu immenso Imperio!

Ouçõ nos ares canticos festivos;
Victoria, brada a terra!
Nuvens de flores pelos ares voam;
Os pavilhões tremulam;
Sôa o canhão; retinem as trombetas;
Nas praças se levantam
Mil arcos triumphaes, que em pompa assombram;
Sorri-se a patria mesta,
Hymnos alterna alegre a mocidade;
Resôa o orgão sagrado
Nas curvadas abobadas dos templos;
E os caros Pais de novo

O seu Príncipe abraçam, afagam, beijam,
E o povo os felicita! . . .
Gloria! gloria ao Senhor, ao Deus da Patria,
Que ouviu as preces suas!

Joaquim Norberto de Souza Silva.

OBLAÇÃO

Happy the babe , who privileg'd by fate
To shorter labour , and a lighter weight,
Receiv'd but yesterday the gift of breath ,
Order'd to-morrow to return to death.
Patoa.

N'esta hora augusta e sublime, em que vós, sacerdotes dos affectos do coração, celebrais o mais ingenuo e o mais cordial holocausto; n'esta hora consagrada aos sentimentos que nos deixou a perda de um anjo, permittí, irmãos, que o mais obscuro sacerdote d'esta festa cordial se contriste comvosco, que confunda as suas com as vossas lagrimas: permittí que elle lance nos vossos thuribulos o incenso da sua devoção, que elle espalhe no tumulto do vosso Principe, no tumulto do Sobrinho da sua Augusta Soberana, alguns punhados de goivos e de rosas, de jasmíns e de magnolias.

Similhante a uma flôr mimosa que abriu as petalas ao rocio da manhã, similhante á tulipa que exhalou perfumes e aromas com os primeiros raios do sol, mas que pendeu desfallecida na hastea quando este se tornou mais intenso, assim esse tenro e delicado Menino existiu e pereceu entre nós.

Destinado para um dia cingir o diadema de seus Pais, predestinado para um dia empunhar o sceptro e a lei d'este vasto Imperio, elle nos foi arrebatado para ir a um outro mundo mais feliz — que não é este nosso — cingir as auréolas de glorias, e empunhar a palma triumphal dos anjos.

O venturoso e illustre Menino não provou no calix amargo da vida as desventuras d'este desterro, não conductou com lagrimas as horas d'uras e penosas de uma angustiada existencia. A sua passagem foi rapida, foi o hospede que se abrigou — apenas horas — debaixo do nosso tecto, para nos deixar captivos de suas virtudes e contristados com a sua partida.

Justa é pois a tua mágoa, a tua profunda tristeza, ó Terra veneranda de Santa Cruz. Envolvida n'uma nuvem caliginosa de dôres e amargura, tu pareces vergada e cahida debaixo do arco tremendo da cólera divina.

Similhante a um athleta que se prepara para o combate, assim tu, ó imperio dos novos Assyrios, te preparavas e caminhavas para o teu futuro epico, para o futuro das tuas glorias homericas. Tu gozavas um presente de prosperidades, e com os olhos cravados no futuro, o primogenito dos Reis era a estrella polar que te conduzia ás eras vindouras.

Mas a Deos aprouve estender sobre elle o sudario da morte, e parece que o teu futuro se tornou medonho e assustador, porque a morte, armada da sua secure terrivel e assoladora, ceifou o cedro que começava a estender os seus ramos gigantes, cedro que um dia seria a soberba dos teus bosques virentes e perfumados, e a cuja sombra repousariam dias de paz, de gloria e de ventura.

E tu eras, ó venturoso Principe, a esperanza do Imperio que te estava predestinado no futuro; eras o orgulho nobre de teus Augustos Pais, eras o Anjo da guarda collocado junto d'esta Nação, a quem o destino tem açoitado com tremendas calamidades, e chegado aos labios a esponja do fel e do vinagre.

Que pungente e que tocante quadro de dolorosas amarguras não é este em que o golpe despedido no filho teve de traspassar os corações nobremente apaixonados de dous Pais ainda jovens! Que profunda não foi essa tristeza que aterrou uma Nação tão devota de seu Soberano e de sua Augusta Família!

Ver no rosto d'esse terno Pai, ainda cheio de vida e da frescura da mocidade, a correrem as lagrimas envergonhadas do Rei, e sondar no fundo d'esse nobre e apaixonado coração a lucta de sublimes affectos: — os do Pai, que via abismar-se no tumulto as premicias do seu amor conjugal, e as do Soberano, que devia dar ao seu povo predilecto um exemplo de resignação tão difficil em tal conjunctura! — Oh! tal agonia, revolvida e debatida no peito do Soberano Pai, deveria ser um sacrificio incruento da mais augusta e sublime dôr.

E contemplar depois essa Mãi vendo morrer-lhe nos braços o filho extremado e querido, o filho que era a pagina mais querida dos seus affectos de Mãi e de Esposa: — vê-la receber o ultimo suspiro de vida d'aquelle que a recebera no seu seio: — vê-la n'essa cruel ancia soltar os ais e os adeozes ao angelico romeiro que se despedia para aquella tremenda viagem da bemaventurança: — era por certo necessario que houvesse n'aquelle peito um verdadeiro coração de Mãi — que é o mais forte e o mais heroico n'estes cataclysmos da dôr — para a ver olhar com religiosa resignação o vôo que tomava o cherubim, e chorar depois sobre a mortalha da vida que elle cá deixava.

Morte! morte! — porque assim foste tão desapiedada e cruel passar os umbraes da casa dos Reis para tocares com o teu sceptro fatal no leito do seu Primogenito, no leito d'esse Principe que era a esperanza d'este Imperio colossal e immenso? Verdade cruel e tremenda é a de que não ha dominio que tu não ultrapasses, e que diante da tua foice tremem e cahem o poderoso e o desgraçado, o venturoso e o infeliz, o rei e o vassallo.

Vê pois a tua obra, soberana despotica e terrivel; e regosija-te com as nossas dôres e com as nossas mágoas. Contempla esses Pais absortos e mergulhados na sua dôr, e agonizando no cenaculo das suas recordações as saudades do filho extremoso. Vê seis milhões de habitantes, como um só homem, animados de uma só vontade, a deplorarem a sua orphandade pela perda do seu Principe; e vê-nos tambem a nós,

no meio d'esta cremonia cordial e sincera, deplorar o thesouro que nos arrebataste.

Mas! quem sabe se tu foste uma mensageira enviada pelo Eterno para consumir este sacrificio cruento? Grandes e insondaveis são os designios da Providencia: não os busquemos decifrar, porque iremos após da luz e poderemos encontrar trévas: — resignação e paciencia evangelica.

Consolemo-nos no meio das nossas angustias, tenhamos fé e esperanza, porque quem nos emprestou um anjo e o deixou por algum tempo habitar entre nós, ainda nos dará um Principe digno de seus Pais e do Imperio que elle hade um dia reger. E nós, hoje sacerdotes da dôr e da saudade, exultaremos de prazer quando esse novo Salomão se vier sentar aqui como illustre collega d'esta familia de letras.

Abracemo-nos com a esperanza; resignemo-nos, irmãos; porque no meio da tribulação e da agonia por que passámos não se nos apagou a véla da esperanza.

Deos tinha de adornar a sua côrte com mais um anjo, e foi-o buscar á Familia Soberana do Brasil. Tenhamos fé de que elle lá está com as azas estendidas sobre esta nova Sião, sobre o Imperio de seus Pais, de seus Irmãos e de seus vassallos, velando e rogando pelas nossas felicidades communs, e orando junto ao throno de Deos como o nosso Anjo custodio.

Francisco Manoel Raposo d'Almeida.

CANTICO

Mane floreat, et transeat :
Vespere decidat, induret, et srescat.

De manhã lindo e contente,
Robusto medra e floresce;
Chega a tarde, e de repente
Deflúha, sécca, enrigece.

PSALMO 89.

No regaço da innocencia
Repousa, Infante gentil,
Pelo Céu justo e clemente
Dado aos votos do Brasil.

Adornam teu berço d'ouro
Sceptros, c'rôas rutilantes,
Verdes louros triumphantes,
Raios de luz immortal.

Como é doce o teu somno! Em teu semblante
Magestoso fulguram,
Qual pura luz do Céu, claros reflexos
Das paternas virtudes;
És a imagem de Pedro; de Thereza
Tu retratas nos labios
O sorriso divino; almos thesouros
De celeste bondade,
Em sua alma encerrados, no teu peito
'Stão já depositados.
Feliz a patria nossa, que um tal mimo.
Do Senhor dos imperios,
Em seu amor, consegue venturosa,
Como Iris da alliança
Que o Deus de nossos pais firmou comnosco.

No regaço da innocencia
Repousa, Infante gentil;
Prospera, cresce, floresce,
Para gloria do Brasil.

Dos Céos dadiva sagrada
Todo o Brasil te proclama;
Seus clarins prepara a Fama
Para o teu nome cantar.

Do Pai sabio, clemente e justiceiro,
Do povo seu delicias,
As virtudes heroicas reflectindo,
Em columnas eternas
De porfido, de bronze, em refulgentes
Adamantinas taboas,
Vencedoras dos évos, da Memoria
No templo sacrosanto

Um dia entalharás teu nome agosto,
De louvores, de bênçãos,
De virentes capellas rodeado.
Seu defeso sacrario,
De par em par abrindo as ferrolhadas
Solidas portas de ouro,
Magestosa a sublime Sapiencia,
Como excelsa rainha,
Te ha de franquear; na douta fronte
Ha de cingir-te auréolas;
E divo has de inda ser no sacro empyreo.

No regaço da innocencia
Repousa, Infante gentil,
De teus Pais fiel retrato,
Flór mimosa do Brasil.

Formosa a têa luzente
Da tua bella existencia
Quiz a sabia Providencia
Para bem nosso tecer.

Sereno despertaste, como acorda
No dourado Oriente
A aurora apavonada, precursora
De um dia de ventura.
Como esplendem teus olhos! na Mãe terna
Como contente os fitas,
Para colher seus risos, seus affagos,
Que te cercam no berço!
Ser Soberana e Mãe sabe Thereza.....
Mas que!!! teus olhos fixos
Não se volvem, não brilham, da alegria
Com o fogo inquietos?

A voz que meigos sons, quaes doces cantos
De grata melodia,
A soltar começava, triste accento
Da dôr agora sóta?
Que dragão venenoso, entre bramidos,
Soprou na tua face?
Convulso arquejas; sem vigor teus membros
Desfallecem cançados;
Pára o sangue veloz; livor da morte
Te eclipsa a formosura.
De suor glacial se inunda a testa,
A testa cristallina,
Como cobre da noite o frio orvalho
A mimosa violeta,
Que brotou solitaria entre sepulcros.
De estragos sequiosa,
Te impelle a Morte ao bárathro profundo
Da negra sepultura;
De tristes passiflóras, rôxos lirios,
Te enluta as roseas faces.

Anjo implacavel, que ante o rosto irado
Do Senhor das vinganças
Caminhas com tremendo aspecto, o raio
Que tens na dextra acceso
Suspende. — O' Deos de amor, ah! tem piedade
Da virtude que em pranto
Invoca o teu soccorro. Ouve os clamores
Do povo teu afflicto,
Que a prenda idolatrada te supplica
Propicio lhe conserves.

Na prisca idade, a um pai que aos teus decretos
A cabeça curvava,
Á desolada mãe, que n'um deserto

Vertia pranto acerbo,
Os filhos conservaste. Ah! serás hoje,
Senhor, menos piedoso?

Affonso, Affonso, ó Príncipe adorado,
Da Mãi mais carinhosa,
Do Pai cheio de amor ouve os suspiros;
Da Patria attende aos votos.
Quando o Brasil te diz « Príncipe excelso,
De heróes estirpe clara,
Tu és o meu penhor » queres deixar-nos,
Na dôr no pranto envoltos?
Com buído punhal cruel saudade
Nossos peitos traspassa.
Olha a dôr que da Tyro americana
As cupulas douradas
Cobre de negro luto. Inuteis préces!
C'o fragor das procellas,
As azas fulgurantes sacudindo
O ministro das iras,
Vibra o gládio de chammas, e fulmina
O golpe com que fere
A cabeça dos Reis. — Affonso expira!
Pallido, mudo, immovel,
De frio jaspe imita a branca estatua,
Da lua ao clarão frouxo;
Ou qual pende sobre a haste, ao sopro ardente
Dos Euros furibundos,
Na sombría floresta desbotado,
O manacá cheiroso.

Tão fera desventura,
Brasil, saudoso chora:
O lindo Infante agora
Desceu á sepultura.

O estadio já mediu
Da vida fugitiva,
Qual flôr, que apenas viva,
Pendeu, murchou, cahiu.

Marmorea urna fria
Seus restos hoje encerra ;
Tão rica prenda a terra
Gozar não merecia.

Da vida no horizonte despontavas ,
 Como fulgida estrella
Destinada a espalhar luzeiro eterno.
 Mas ah! pesada nuvem
O pólo azul tingiu da côr da morte;
 Teu giro luminoso
Invejosa offuscou. Tua existencia,
 Tão rica de futuro,
Foi um sonho brilhante. Como crusa
 No ar setta ligeira ;
Ou qual da noite nas opacas trévas
 Corusco meteóro
Traça o sulco de luz no plaino ethereo,
 E logo des'parece :
Assim passaste, Affonso. — Que! podeste
 Tão cedo abandonar-nos ?
Não nasceste p'ra o mundo, alma celeste.

Não, não eras mortal, eras anjo,
Que o Brasil em um extase viu ;
Eras anjo, que a terra deixando
Á sydereia morada subiu.

Eras d'aguias a prole formosa,
Que fitando no sol divinal,
Desprezaste os imperios da terra,
Por um throno de gloria immortal.

Os despojos de barro depondo,
Remontaste ás esferas celestes;
Do teu Deos a visão hoje gozas,
E de brancas estolas te vestes.

Alado seraphim, ao som das harpas
De harmonia ineffavel,
Que o mortal nunca ouviu, cantico novo,
Sempiterno trisagio,
De triumpho e de amor hymnos sublimes,
Que a mente humana excedem,
Entre os choros brilhantes, onde vives
Em fraterna concordia,
Ao Deos, ao Rei dos Céos feliz entôas.
Diante do seu throno
Vês o tempo voar, fugirem seculos,
Como escapa um momento
Que o prazer nos dourou com mil encantos.
Diante do seu throno
Vês o mundo a teus pés; gozas n'um sorvo,
Em transporte perenne,
Torrentes de delicias, que te inundam,
Saciam, embriagam.
Que podeste perder, perdendo a vida,
N'este valle de pranto,
Onde o filho da culpa, agrilhoadado
Ao lôdo primitivo,
Tristes dias arrasta desterrado?
Feliz, augusto Infante,
Anjo agora de luz, nós te saudamos!

Do centro d'essa gloria,
Onde alegre repousas, onde offuscas
D'aurora as vivas côres,
Do teu povo saudoso, que te chora,
Compassivo te lembra.
Suba das préces tuas o perfume
Ao Sanctuario Eterno,
Em favor do teu povo, qual subia,
Em tarde de mysterios,
Ondeando o vapor do sacrificio
Em nuvens transparentes.
O' Deos, ó meu Senhor! tu que chamaste,
Por teus altos arcanos,
Para os teus escolhidos um dos nossos,
Aos seus e nossos rogos
Piedoso ouvido inclina, quando humildes,
E co'as faces em terra,
Por tua mão feridos, imploramos,
No mal que nos opprime,
Teus auxilios, — e cheios de esperança,
Em nossa dôr clamamos.

PSALMO 89.

Senhor, de idade em idade o nosso amparo
Tens sido. Antes que os montes orgulhosos
Seus pincares alçassem;
Inda a terra, inda o globo
Não tinham tuas mãos arredondado;
Desde immovel perenne eternidade:
Tu foste sempre Deos.

Do teu pé sob a força, ah! não esmagues
O caduco mortal, tu que traçando

De seus dias amargos
O circulo penoso,
«Sois pó, disseste, fumo, leve sombra,
«Que um momento dissipa; convertei-vos,
«O' vós, filhos dos homens.»

Aos olhos teus, que os évos infinitos
Medem n'um só volver, quanto avolumam
Annos mil decorridos?
Bem como o dia d'hontem,
Que ligeiro passou, e como vóa
A vigilia nocturna, e ninguem sente:
Tacs deslizam seus annos.

Como em aurca manhã gentil floresce
No verde prado a herva, assim a vida
Do mortal desabrocha.
Na alegre madrugada,
Viçosa pullulando em garbo, em força,
De flôres se corôa. Chega a tarde,
Desbóta, murcha, e morre.

Tua cólera ardente, como incendio
De força irresistivel, consumiu-nos;
Teu furor assustou-nos;
Dos nossos feios crimes
Pozeste o quadro horrendo ante os teus olhos,
E á luz do teu semblante a vida nossa
Toda inteira expozeste.

Da tua indignação quem a grandeza
Chegou a conhecer, e temeroso
Calculou tua sanha?

Temida, respeitada,
Seja, ó Deos, tua dextra omnipotente.
O nosso coração seja instruído
Na lei da sapiencia.

A belleza immortal da face tua
Faze-nos ver, Senhor. Tua justiça
A espada de dous gumes
Até quando suspensa
Ha de ter sobre nós? O' Deos, piedade.
Teu coração paterno se enternêça
Em favor dos teus servos.

Desde a luz matutina os beneficios
Da tua mão piedosa nos confortem.
De um justo prazer cheios
Palpitem nossos peitos.
Todos os dias nossos pura enchente
D'almas consolações orvalhe, regue,
Dos Céos como rocío.

Fr. Rodrigo de S. José.

RECORDAÇÃO

*Sanctificat mihi omne primogenitum, quod aperit vulvaia
in filiis Israel... mea sunt enim omnia.*

Exoo. 13, 2.

Primogenitum filiorum tuorum dabis mihi.

Yno. 22, 29.

Herdeiro das crenças escriptas ou tradicionaes de seus maiores, o homem da civilização moderna embora quiz, obedecendo á voz d'esse esterilizador positivismo de seu seculo que lhe bradava: « duvida de tudo! » embora quiz repellir de si com mofador riso, que mal lhe deslisara os labios, esses legados do passado, que desde as remotas éras da mais alta antiguidade até ao fruir de seus dias a mão do tempo, como seu patrimonio, lhe havia enthesourado no gazophylacio humanitario.

Debalde! affectando de espirito forte, ao fenecer do seculo decimo oitavo, pelo desdem da herança paterna (envergonhado quiçá de ser homem), altivo julgou emancipar-se do ligamen que o prendia a seus ascendentes fazendo cortar pelo ferro dos guilhotinadores* os nós que com aquelles os uniam, e que não haviam podido desatar os sophismas philosophicos dos Voltaires e dos Diderots!

Debalde! assim como a montanha que com o pó de éras por sobre éras se tem accumulado até conchegar suas cumeadas da mansão das nuvens, e que parece sob o influxo de um sol abrasador, querer desnudar-se do manto de nevoeiros que lhe ensombra a coma, afim de ostentar sua galhardia e desplante á luz meridiana, e só nos patenteia descavados pincaros, estereis penedias; do mesmo modo o homem debalde acreditou sacudindo de sobre seus hombros, ao menos dezoito seculos do que denominou superstições; debalde acreditou surgir no decimo nono leste, lepido e vigoroso... Misero! só se deparou leviano.

Sim! pois trocou o crer pela decepção, porque desprendendo-se das promessas do passado, esteril e prosaico se lhe offereceu o presente, antolhando-se-lhe o porvir sem esperança.....

Impossivel era o conservar-se n'este estado, por isso exasperado, infeliz e pobre, no conflicto de sua angustia e penuria, como o filho prodigo que o Christo descreveu na sua parabola, em que não mais symbolizou do que o constante fado da humanidade, arrependido volveu a solicitar seu quinhão do paterno expolio, vergonhoso de havel-o despresado quando até o proprio selvagem das florestas americanas, á mingoa de outros legados da posteridade, como symbolicos hieroglyphicos consagrados a commemorarem seus evos archiva os ossos de seus pais, e em sua vida nomade os conduz para toda a parte.

Assim pois o homem que havia descrido por orgulho, de novo crendo, pela necessidade que lhe impunha a voz de sua consciencia como uma convicção. Porque?... porque crer se tornava para elle saber, poisque sem fé, elle viu que a luz da razão não mais era do

Alludo ao decreto da Convenção Nacional, na época da revolução franceza, oblido por Condorcet, e depois ao do Directorio, ordcnando que se corrigisse: em Bossuet, Racine e Massillon, &c., e tudo o que concernisse á religião e realza.

que mortiço facho, bruxoleando sob céu de trévas; ou reflectindo-se fragmentariamente sobre myriades de isolados objectos, ou lampejando nos umbraes de um abysmo!

O homem pois de novo creu, e como toda a crença tem seu principio em Deos e suas raizes no passado, outra vez elle revolveu os archivos d'este, com mais meditação e mór avidez, para ahi ainda ir perscrutar os destinos da humanidade.

O Oriente, o Occidente, o velho e o novo mundo, se invidaram para lhe fornecerem documentos a tal respeito; e elle viu que por toda a parte um mesmo mytho, embora que reproduzindo-se sob manifestações diversas, formulava e exprimia physiologica e psychologicamente o existir do homem em todos os seculos, em todos os paizes e em todas as civilisações.

Sim, uma decadencia, uma expiação, uma iniciação purificadora e uma rehabilitação, emfim, um dogma de dôr a par de um dogma de redempção, eis o caracteristico do condão humanitario que se achou consignado nas tradições geraes do genero humano, traçado ora pela religião sob a fórmula poetica, ora pela sciencia sob a fórmula religiosa.

Com effeito, nos mais remotos fastos da vida humana, lá n'esses amenos climas em que o Ganges e o Indo deslisam suas ondas sagradas, e aonde como se com o astro que aviventa a natureza despontou a civilisação, embalando-se no berço da aurora; ahi, na cosmogonia de Menou, nos vedas e pouranas dictados por Brahma, primeiro lampejo da sciencia escripta pelo homem, como um reflexo do fogo divino ateado nos cimos do Himalaya; ahi desde logo se deparam expressos aquelles dous dogmas.

O primeiro effectivando-se annualmente na festa de Ganga Sangor, por essa terrivel hecatombe de virgens que seus proprios pais immolam, precipitando-as nas aguas do Ganges.

O segundo, pela incarnação de Buddha, descido do céu ás entranhas de Mahama, da mais illustre familia dos Brahmanes, afim de preencher na terra uma missão redemptora.

Dogmas que simultanea ou successivamente ainda mais se realisam: na lei escripta dos Parseos, o Zenda-Vesta de Zoroastro; nos cinco Kings; no livro Hermetico Egyptano, no dos Dias e Trabalhos de Hesiodo; no das Metamorphoses de Ovidio; emfim no texto de

todas as crenças cosmogonicas e theogonicas, quer monitheistas, quer polytheistas, de Persas, Chins, Egypcios, Gregos, Romanos, Scandinavos, Mexicanos, &c., &c., até ao da Biblia Sacrosanta, poisque em tôdos elles constantemente se vislumbra um pensamento sombrio, um stigma de dôr, e depois uma auréola, velada, porque a offuscam nevoas, mas que sempre brilha.

De facto, no polytheismo, Jupiter, depois de amaldiçoar Promethéo assim como suas gerações, condemnando-as ao mal por aquelle haver raptado ao céu a chamma celeste, contrariando assim seus designios; todavia ordena a Pandora, ao determinar-lhe de abrir sua urna, que ali retenha sempre a esperança. No theismo, Jehovah expelle o homem do paraíso, mas predizendo sempre á serpente, symbolo do mal, que um dia a posteridade da mulher lhe esmagará a cabeça.

Sempre pois uma condemnação, mas sempre uma esperança. Uma condemnação proveniente da culpa de um só; uma esperança surgindo tambem do sacrificio de uma victima; o que frisantemente exprimiu S. Paulo nas seguintes palavras a respeito de Adão e da missão de Jesus Christo: « É porque como pela desobediencia de » um só muitos se tornaram peccadores, do mesmo modo pela » obediencia de um só muitos se tornaram justos.* »

Do que se deprehende pois que o influxo d'aquelles dous dogmas não se exerce tão só sobre individualidades isoladas, que elle é extensivó a toda a especie humana, tanto para o existir terrestre, como para bemaventurança.

Com effeito, tudo nos assevera que na humanidade, mesmo no viver actual, no viver contingente, os individuos não se isolam da especie, as gerações das gerações; que solidarios seus membros entre si por intermedio de uma communhão material e espirital, gosar e soffrer, decahir e rehabilitar-se, debalde isto se manifeste sob aspectos individuaes, é todavia condão inherente á generalidade dos seres. D'est'arte, embora cada individuo na sua personalidade, pelo seu merito ou desmerito, se torne na vida de além tumulo credor de recompensas ou passivel de penas; comtudo, no ser presente,

* Epist. aos Romanos, cap. V, v. 12.

se enxerga que um principio centralizador, um nucleo de amor attrahindo as individualidades á unidade social para se approximarem cada vez mais e mais da unidade divina; estabelece entre aquellas uma communidade de existencia, que se fortifica por sacrificios mutuos, e que faz portanto redundar o devotamento e abnegação completa da personalidade de uns em beneficio dos de mais todos, em relação á regeneração e aperfeiçoamento moral e social do homem; isto é, ao bem estar da especie.

Eis-aqui por sem duvida o motivo porque disse o Deos de Israel a Moysés, ao cumprir suas promessas a nossos pais Abrahão e Jacob de remir seus descendentes do captiveiro de quatrocentos annos, para os conduzir á fruição da ventura material na terra da promissão, eis aqui porque lhes disse:

«Consagra-me todos os primogenitos de entre os filhos de Israel...
« porque todos elles são meus.

« Quando pois teu filho te perguntar algum dia, e te disser: Que
« significa isto? tu lhe responderás: O Senhor nos tirou do Egypto,
« da casa da escravidão, á força de seu braço.... por isso é que eu
« sacrifico ao Senhor todos os machos primogenitos que abrem o
« utero de sua mãe, e resgato todos os primogenitos de meus filhos.

« Isto pois será como um signal na tua mão, e como um memorial
« diante de teus olhos para que a lei do Senhor ande sempre na
« tua bocca: poisque o Senhor te tirou do Egypto á força de
« seu braço. - »

Ora, si cotejarmos a doutrina d'estes preceitos e a natureza do sacrificio ahi exigido, com o mais que a tal respeito se depreheende das tradições ou legendas mencionadas esparzidas pelo resto da terra, não se despertará no espirito de todo o verdadeiro crente que, si é sina humanitaria o regenerar-se e progredir mesmo na felicidade terrena, com aquisição successiva de novos conhecimentos tendentes ao alcance de uma verdade absoluta, isto por intermedio tambem de successivas expiações pelo sacrificio de victimas de impoluta nitidez e de alta valia, não se despertará pois no espirito de todo o que tiver fé o pensamento de que, em

virtude do cumprimento de condições impostas por aquelle fatalismo, é que o Brasil acaba de sentir a dolorosa perda de um Príncipe, em quanto que folga o Céu recebendo em seus alcacêres mais um anjo para velar na guarda das nações?...

Oh! tudo no-lo assevera! Sim; basta a successão constante de factos de identica natureza para confirmár a veracidade d'aquelle crer.

Um sacrificio precioso por um resgate, ou bem uma provação em troco da iniciação dos homens em um maior gráo de perfeição, são coincidencias que a cada passo nos patenteia tanto a historia antiga como a moderna.

Entre os Gregos, Codrus, depois de ter consultado o oraculo, se devota á morte, e perece victima voluntaria pela liberdade dos Athenienses. Com Bruto succede o mesmo entre os Romanos, pois que o sangue de seus filhos corre de envolta com o da innocente e generosa Lucrecia, em paga da emancipação do patriciado, do mesmo modo que mais tarde, pela da plebe, é derramado o de Virginia ás proprias mãos de seu pai!

Finalmente, si de entre outros muitos factos, ainda escolhidos em virtude d'esta accepção, passarmos ao exame de alguns analogos de mais recente data, sobre todos, como um dos mais caracteristicos nos fastos dos povos christãos, é o da missão de Joanna d'Arc! Victima sem mancha, holocausto que, como a Phenix, fez renascer de suas cinzas a já quasi que moribunda França, afim de ser sempre, como ainda é hoje, a pedra angular do equilibrio da Europa.

Em vistá pois de tantos e tão repetidos factos poder-se-hia suppôr mero effeito do acaso o passamento do Augusto Principe Imperial, do Senhor Dom Affonso?...

Oh! para isto carecia-se suppôr tambem que não mais do que uma cega fatalidade era a razão d'essa sina terrivel (até hoje inexplicavel) imposta desde o reinado do Senhor Dom João IV sobre a Augustissima Casa de Bragança, em virtude de que todos os seus primogenitos tem sido feridos de morte prematura?...

« Primogenitum filiorum tuorum dabis mihi »

Ficou dito, decretou o Senhor a seu povo quando o remiu do captiveiro do Egypto.

Igual consagração, idêntico sacrificio não poderia ter sido exigido do preclaro Chefe da Dynastia Bragantina, para remir Portugal dos ferros da Hespanha.

Sim! ahí estão os factos que o confirmam. Factos que constantemente revclam que, essa gloriosa cruz de Ourique, que Portugal hasteou em seus estandartes como symbolo de sua independencia nacional e de sua emancipação politica, quando Dom Affonso Henriques fundou a monarchia, foi a cruz da redempção, que cinco seculos depois sobre seus hombros tomaram os representantes do Bragantino tronco, devotando-se pelo resgate de seu povo.

Cruz que ainda depois o Senhor Dom Pedro I, como si ainda por fatal coincidência de latente voto, fez estampar em nossas bandeiras, cimentando ahí a união dos circulos da esphera armillar, emblema do Imperio Brasileiro, que elle acabava de inaugurar sobre os manes de seu filho primogenito.

Curvemo-nos pois ante os designios da Providencia, adoremos seus mysteriosos arcanos, convencidos que Sua Alteza Imperial, como hostia consagrada sobre o altar da Patria, feneceu para arraigar altas verdades, cimento do bemestar physico e moral de seu povo, depois de ter despontado para consolidar a união Brasileira, como outr'ora o iris do Senhor symbolizou o pacto de Deos com os homens.

Sim! curvemo-nos, e cmbora que de nossos olhos jamais se possa estancar o saudoso pranto que vertem pelo Principe que se finou na terra: conscios de sua sacro-santa missão; deprecando ao Anjo que trocou o diadema dos Reis pela auréola de Deos, e o amargo lidar de uma mente cntre limites pelo seu expandir no seio do Infinito, antes que o senão do mal lhe esculpisse na innocente fronte o estigma da dôr moral ou do remorso; deprecando-lhe que vele sobre este Imperio, sahia d'este recinto o brado ingente que revele ao Brasil o alto mysterio de seu precioso sacrificio, recordando-lhe pois que a todo o trance força lhe é afim de alcançar um porvir de ventura e prosperidades, identificar sempre seus destinos com os do Senhor Dom Pedro II, e os de sua Imperial Dynastia.

Luiç Antonio de Castro.

ALLOCUÇÃO

Rolam os tempos, cahem os imperios, e as cidades e as maravilhosas façanhas do inclyto capitão do grande seculo sumiram-se com elle nos inhospitos rochedos de Santa Helena, e ainda assim, Senhores, a machina humana marcada pelo dedo compassado da Providencia continuou seu andamento. Elle mesmo, o vencedor de tantas campanhas, o dador de thronos, o regulador da politica da Europa, elle mesmo nos legou essa verdade tão palpitante. « Ninguém é necessario no mundo, eu não o sou, Alexandre e Cesar

morreram, e elle não parou. » É um dogma aconselhado pelo Christianismo, é um corollario tirado da sequencia dos factos e cousas humanas a proposição que deixamos enunciada: mas qual o stoicismo tão granitico, qual a resignação tão evangelica, qual o philosophismo tão apurado, que cordialmente não pranteará a perda que soffremos, que comnosco não reconhecerá que a existencia da illustre vergontea de tantos Cesares era uma necessidade publica, uma necessidade indeclinavel do Brasil, o penhor da futura prosperidade da Patria?! Arrancado a nós, Senhores, elle vai ornar o throno do Altissimo; mas que vacuo insondavel sua ausencia não deixa no paiz!?

Descrever as previsões sinistras com que esse acontecimento infausto assaltou nosso espirito, pairar por um momento sobre as eventualidades futuras de um facto de tanta magnitude, seria por sem duvida fatigar vossa attenção, e querer pintar-vos o que certamente não poderá ter escapado ao vosso atilado criterio. Temos porém a intima convicção que o passamento do illustre Principe foi-nos um castigo providencial infligido pelo commettimento de tantas culpas, foi uma lição severa, que deve entre nós extirpar todos os elementos de discordia, todo o vislumbre de dissensões internas. Alegra-nos porém pensando com o Instituto, que o estado de subversão das idéas não é o estado normal das nações; que é necessario que as paixões politicas sejam habilmente exploradas por alguns ambiciosos para que a brisa das revoluções sopra com vigor, e divida em dous campos os povos da mesma lingua: no correr natural e pacifico da existencia das nações, difficil se não impossivel é transgredir essas regras fixas, essas normas certas descriptas no codigo dos seculos. A nós, Senhores, que desde o alvorecer de nossa vida politica temos lutado com tanto afan para arraigar no paiz as idéas de ordem, o systema de tranquillidade, a nós dizemos, tendo certeza da infausta perda do illustre Principe, d'essa nova provança por Deos mandada á nossa resignação, impressionou-nos sobre modo — o temor pelo futuro das cousas da patria. Em compensação porém, Senhores, das idéas melancolicas de que fomos possuidos, o reverso do quadro nos patentêa o cuidado incessante que sempre temos merecido á Divina Providencia, que constante véla nos destinos do paiz e na conservação da Augusta Dynastia

que o rege; e com olhos fitos tambem no amor de todos os Brasileiros pela ordem congenita da prosperidade publica, e pela idolatria com que amam os Augustos Pais do illustre Finado, temos segura fé no lisongeiro porvir do Brasil. E o Omnipotente, que aprouve doar ao Imperio um Soberano de virtudes tão eminentes, conceder-nos-ha sem duvida dignos renovos de tão illustre estirpe. Ao angustiado coração dos Augustos Pais do finado Principe sirvam de lenitivo as sinceras demonstrações de pezar de todo um povo, que os acompanha em sua justa mágoa, e vigore a sua resignação a idéa de um melhor mundo onde vai habitar o seu Primogenito.

E nós, que nos reunimos hoje para commemorarmos a perda irreparavel de nosso Presidente honorario, vertamos uma lagrima de sincera saudade sobre a lousa que o rouba á nossa vista e ás esperanças da Patria!

Antonio Pereira Pinto.

VISÃO

O sol ia caminho do Occidente; e eu, desamparando aquelles que faziam resoar nos valles os harmonicos sons de seus instrumentos, subi pela encosta da montanha da Itapuca *, cuja base de granito é atravessada pelas ondas que vem gemer nas suas cavernas, e o cume açoutado pelos ventos que sibilam enleados nos cocares de suas gigantescas palmeiras.

E chegado que fui ao cume, estava alquebrado de fadiga.
E minha fronte suava, e minhas arterias batiam.

Em Nictheroy, na praia do Icarahy.

E as pancadas me reboavam no cerebro, como o echo do trovão nas abobadas celestes.

Arrojei-me sobre a relva que cresce á sombra dos coqueiros, e medi a altura a que me elevára baixando os olhos pelos valles cobertos de arbustos e flôres.

E meus olhos se fecharam involuntariamente, e uns como dedos de chumbo carregaram sobre minhas palpebras.

E vi espessa noite, descendo sobre minha cabeça, envolver parte do orbe.

A noite era carregada de nuvens, e como rufo surdo e prolongado roncava a tempestade ao longe.

E ao clarão terrível, que tingiu rapidamente as nuvens de sangue, ergueu-se do lado do Norte um como espectro com a espada em punho.

E bradou: Guerra e exterminação!

E ergueu-se do lado do Sul outro espectro tambem com espada em punho.

E respondeu: Guerra e exterminação!

E ergueram-se de todas as partes outros espectros, tripudiando com as espadas em punho, e seguidos de numerosas turbas.

E repetiram: Guerra e exterminação!

E as espadas eriçadas, como a cota do javali embravecido, enredaram-se em confuso torvelinho.

E o tinido das espadas era horrível, e a voz de dôr e desespero era horrível, e o ribombo do canhão que despejava a morte era horrível, e tudo resoava como a orchestra desordenada da tempestade.

E negra bandeira, como um panno mortuario, elevou-se do centro das turbas, e era como o seu estandarte de guerra.

E tinha por emblema uma caveira, que alvejava sobreposta a dous ossos encruzados.

E mais e mais os espectros se emmaranhavam n'esse torvelinho, mais e mais as espadas liniam como cadêas de prisioneiros.

E os ais eram immensos, e soavam como o ranger dos condemnados do inferno.

E o céu era negro como as paredes dos templos nos dias de tribulação, e a terra era rubra como um lago de sangue.

Vi que o céu começava de clarear.

E que era o crepúsculo que bruxoleava no thalamo da aurora.

E que era a aurora que roxeava no berço do sol.

E que era o sol que ascendia bello e pomposo, e luzia para a terra.

E a luz do sol, cahindo em torrentes sobre a terra, era como a purpura sobre o cadafalso.

Porque a terra estava juncada de ossos mirrados e de cadaveres corruptos.

E de moribundos que agonisavam nas ancias mortaes, e suspiravam pela luz que lhes despontava nas sombras da morte.

E de feridos que se pelejavam com espadas gottejantes de sangue á luz do astro da vida.

E os rios rolavam ondas de sangue por sobre arêas de ouro e granitos de diamante.

Ouvi que uma harmonia suave como o hymno dos sabiás saudava á luz que raiava no Oriente, a qual elevando-se da terra, mesclava-se ao estampido do canhão e perdia-se nos ares.

E que um brado forte, que soou mais alto como o bramido das sucuriúbas, foi distinctamente ouvido.

E alguns espectros voltaram-se para o Oriente.

E ou fosse de afan ou porque attendessem ao brado, limpavam as nodoas sanguentas das espadas, e sobre a lamina gravaram um P e dous II.

E rasgaram os vestidos empoeirados e golpeados, e que eram vermelhos como os dos que pisam n'um lagar.

E trajaram-se de galas, e coroaram-se das flôres rosadas do fumo, dos rubins dos cafezeiros, e das folhas de esmeralda recamadas de ouro do arbusto da primavera.

E o sorriso da vida corou-lhes as faces, e o brilho do diamante reflectiu de seus olhos, e já não eram espectros.

Porém outros surgiram como que do seio da terra, ainda mais terriveis, como um rio que se afunda e resurge ao longe rugindo como um leão e sacudindo suas clinas de espuma enovelada.

E como uma torrente impetuosa tudo arrebatavam em sua marcha; e como uma chuva de pedra tudo assolavam; e como uma labareda immensa que lavra pelos campos de macega tudo abrasavam.

E então uma como matrona respeitavel, joven e formosa, olhos em lagrimas e a mágoa debuxada nas faces, caminhou por sobre cada-veres, tropeçando em moribundos.

E seu andar era grave, e o diadema imperial scintillava sobre a sua fronte.

Parou ante um carcomido e velho madeiro plantado n'uma praia em forma de cruz, e em cujos braços estão gravadas estas letras M D.

Suas lagrimas cahiam ao pé da cruz que ella abraçava, e eram como gottas de chuva saltitando sobre as folhas das arvores.

Suas préces eram ardentes, e ella dizia :

« Senhor! Por ventura já não sou eu aquella que tanto hei merecido de ti?

« Por ventura já não és tu aquelle mesmo que jamais deixaste de attender-me em os dias de minha tribulação?

« Que com o sôpro de teus labios varreste de sobre a face d'esta terra, que é tua, os meus inimigos que eram tambem teus?

« Que me dotaste com a mais fertil porção do orbe, que me disseste :

« Tu és a filha predilecta d'entre as minhas filhas, e por isso choveráõ sobre ti as graças do Senhor.

« O teu céu será de saphira, e o astro imagem de minha magnificencia, como é o raio symbolo de meu poder e da fortaleza de meu braço, o abrilhantará sempre.

« E á noite o esmaltarei de myriadas de estrellas de diamante, porque não haja n'elle sombras, mas sim ausencia do dia.

« A tua terra será fertil e produzirá o sustento de teus filhos sem que seja preciso regal-a com o suor de suas faces.

« E suas entranhas serão de estanho, de chumbo, de ferro, de cobre, de prata e de ouro.

« E a regarei com os maiores rios do mundo, tão vastos como dous mares, e serão elles dous braços de gigante que a defenderáõ ao Sul e ao Norte.

« E esses rios e outros rios de fartissimas torrentes rolaráõ suas aguas por sobre leitos de topazios, de saphiras, de rubins, de esmeraldas, de chrysolithas, de amethystas e de diamantes.

« Levantarei montanhas altissimas, e serão ellas como gigantes enfileirados que a defenderáõ ao Occidente.

« E estas e outras montanhas terão entranhas de argillas, de basaltos, de granitos, de jaspcs e de marmores.

« E as vestirei de florestas magnificas, vastas, immensas e numerosas como nenhuma no mundo.

« E a primavera e o outono serão n'ellas eternas, e as arvores brotarão folhas, flôres e fructos a um tempo.

« Collocarei o Oceano á sua frente, e elle, como um abysmo que é, te defenderá ao Oriente.

« E se cobrirá de possantes náos que virão e irão a todas as partes do globo.

« E nem as montanhas te assustarão com seus volcões, nem a terra com seus uivos e tremores, nem o ar com seus tufões, nem o Oceano com suas tempestades e invasões.

« O teu clima será sadio, porque eu afastarei para longe d'elle a peste com todos os seus males.

« E a brisa da manhã perfumada com o odor das flôres, e a viração da tarde impregnada do sabor marinho, serão como bafejos de meus labios, que tudo vivificarão.

« E porque o teu seio não seja retalhado pelos golpes matricidas de teus filhos, dar-lhes-hei um chefe que os dirija na paz e na guerra.

« E elle se assentará sobre um throno, que terá por base a justiça e a liberdade.

« Sobre elle derramarei o meu espirito, e sobre a sua cabeça descançará uma corôa de gloria.

« E regerá pela vontade de seu povo e a bem de seu povo, e será o seu Cyro.

« Porque eu despedaçarei com a sua espada as portas de bronze, esmigalharei com o seu braço as cadéas do captiveiro, e bradarei por seus labios.

« E esse brado será respondido por todo um povo, e ouvido por todas as nações, e applaudido por todas as gerações.

« E deixando sobre seu throno a esperanza de toda uma geração n'um orphãosinho, atravessará os mares e irá despedaçar novas portas de bronze, esmigalhar novas cadéas.

« E essa esperanza será como um raio de bonança, que atravessará as nuvens das tempestades; que crescerá e desdobrará suas amplas azas na immensidade dos céos, como um grande dia.

«E a luz d'esse dia será a auréola de gloria mais pomposa e mais bella que adornará a fronte do augusto orphão.

«E sua dextra, ainda infantil, será vigorada pela fortaleza de meu braço e sustentará a espada da liberdade, e por isso será mais respeitavel que temível.

«E seu espirito será illuminado pelo raio de minha intelligencia, e promulgará justiça a seus povos, e por isso elle será chamado o justiceiro.

«E sua descendencia imperará de geração em geração, de um seculo a outro seculo, porque eu te isentarei das commoções da anarchia, essa loba faminta que devora os filhos de tuas conterraneas.»

Ouvi uma voz que dizia:

«Filha, põe a tua esperança no Senhor, que não está longe o dia da tua salvação.

«Os teus filhos tornaram para trás de alienados, peccaram e accrescentaram peccados sobre peccados, como uma voragem que enrola uma onda sobre outra onda.

«E blasphemaram do Senhor, quando o Senhor os tinha enchido de beneficios.

«E armaram-se fraticidas; e a terra fartou-se de seus cadaveres, e os rios embriagaram-se com o seu sangue, quando o Senhor os tinha preservado da peste e de todos os seus males que dezimam as povoações.

«E atearam o incendio nas suas proprias habitações, reduzindo-as a combros de cinzas, quando o Senhor os tinha preservado dos terremotos que subvertem as cidades.

«E disseram entre si: «O nosso rei somos nós mesmos!» E deixaram de obedecer a aquelles que mantinham a observancia das leis, quando o Senhor lhes tinha dado um chefe nascido na purpura dos reis, que os guardasse da ambição do mando, que produz as discordias.

«E nem o chefe tinha sido injusto para com elles, nem justo; nem soccorrido o opprimido, nem deixado de o soccorrer; nem feito nem deixado de fazer justiça ao orphão, porque tambem era orphão e outros governavam em seu nome.

«E com as espadas ensanguentadas nos peitos de seus irmãos,

dilaceraram o pacto que tinham escripto, e transgrediram os preceitos que tinham jurado observar.

«E rojaram por terra o estandarte emblema da primavera e da opulencia, espedaçaram-lhe o circulo de saphira, e roubaram-lhe as estrellas que eram de diamante.

«E profanaram os templos que seus pais haviam erigido ao Senhor, e o Senhor os havia santificado.

«E macularam as donzellas, e mofaram do recato das viúvas, e insultaram a honestidade das consortes.

«E os cadaveres de seus pais e de seus maridos foram despojados de seus trajos e expostos nas praças publicas á irrisão dos que passavam.

«E cuspiram nas faces dos cadaveres, que eram de seus irmãos, e arrastaram-nos pelo lodo das ruas, em que se fizeram pedaços, porque não pensavam como elles.

«E em suas orgias e bacchanaes entoaram canticos de victoria, quando seus irmãos gemiam nos calabouços ou vagavam foragidos pelas terras dos estranhos, cobertos de sacco e esmolando o pão dos proscriptos.

«E em nome de tanta torpeza, e da vingança de seus corações damnados, invocavam a Liberdade por seus labios impuros!

«E deleitavam-se em regosijo satânico com tantas e tantas abominações commettidas, que não houve logar que não fosse nodoado por ellas.

«Por isso o Senhor fez que as fontes ardessem em labaredas e seccassem; e reduziu a fertilidade de seus campos a um abrasamento de fogo; porque n'elles corriam rios de sangue, e o murmurio de suas ondas era um clamor de vingança.

«E fez que as aguas impetuosas transbordassem de seus leitões, e correndo por cima de suas margens, inundassem os campos onde em vez de arado rodavam carretas da artilheria.

«E fez que seus escravos se alevantassem e forjassem espadas das relhas dos arados, e fabricassem lanças de suas fouces, quando a liberdade em delirio hasteava o perdão da revolta contra a Lei, e a desobediencia clamava: somos todos iguaes!

«E fez que se entesassem os arcos do gentio, que vivem nas trévas do paganismo pelas enredadas florestas com as feras, e que

suas flechas fossem disparadas contra os que pozeram a terra como n'uma assolação de inimigos.

« Mas infinita é a misericórdia de Deos, e o Senhor compadeceu-se de ti.

« Eis ahí está que o Senhor que fere na sua indignação, também sabe curar o golpe e atar a ferida em sua conciliação.

« E eis aqui o que ha de acontecer :

« O anjo da paz se assentará sobre os Andes, e seus olhos vagaráõ pelas terras que banham o Amazonas, o Madeira, o S. Francisco, o Tocantins, o Parahyba, o Doce, o Paraná e o Paraguay.

« E acontecerá que n'aquelle dia o seu sorriso fará brotar flôres, e o ar bafejará os odores da baunilha e do manacá.

« E ao seu aceno surgiráõ aldéas, cujos povos atiraráõ com settas, e colónias, cujos habitantes viráõ de longe por cima dos mares.

« E as villas prosperaráõ como cidades, e as cidades transbordaráõ muito além de seus muros.

« E as provincias serão nações; e o Imperio de Santa Cruz um mundo.

« E a união de seus filhos tornal-o-ha respeitavel, porque o vento que balança uma canna, não as verga atadas n'um feixe.

« Mas também acontecerá que elle sacrificará uma victima, por isso que o Senhor ferirá de morte o primogenito d'aquelle que se assenta sobre o unico solio da America, e o collocará sobre os degráos de seu throno.

« Porque assim como o seu Ungido soffreu por toda a humanidade, assim também soffrerá por todo um povo o primogenito de seu chefe. »

A palavra do Senhor ainda soava, e já o astro de exterminio, augurio fatal aos reis, como uma espada de fogo, turbava o céu do Cruzeiro com sua luz turva.

E passaram-se mezes, e chegou um dia em que o anjo da paz veio sentar-se sobre o throno dos Andes.

E baixou seu olhar, que era sereno como o das virgens, sobre os valles e planicies da terra de Santa Cruz.

E o iris de paz desdobrou pomposamente como sete teas diaphanas de sete côres unidas por nuanças delicadissimas, e simulava um laço que prendia a terra ao Céu.

E a guerra civil com todos os seus espectros desapareceu por entre turbilhões de fumo; e a amizade fraternal, com rir ainda de tristeza, e com lagrimas que já eram de alegria, tomou em seus braços os irmãos que se pelejavam.

E o canhão das dissensões politicas retumbou em signal de paz por tres vezes.

E por tres vezes dezoito echos repetiram o ribombo do canhão.

E ouviu-se uma harmonia, que não era da terra, mas do Céu, como os sons da cythara e da lyra, e do pandeiro e da frauta.

E nasceu o primogenito d'aquelle que se assenta sobre o solio da America, e cujo sceptro se estende a dezoito povos.

E os Reis da terra enviaram embaixadores para saudal-o.

E os povos preromperam em brados de contentamento, e victoriaram-no.

E disseram entre si: «Eis o primogenito que ha de governar-nos um dia.»

E o proprio Monarcha disse tomando o seu primogenito nos braços, e apresentando-o a seu povo:

«É um Principe que Deos..... E mais não pôde, porque lhe era vedado.

Porque não quiz o Senhor que elle mentisse a seu povo.

E os bardos tomaram seus alaúdes de esmeralda, que eram encordoados de ouro, e ao som d'elles desprenderam canticos de jubilo, e bendisseram o Senhor.

E vieram os enviados do povo e os anciãos da patria, e disseram: «Eis aqui o Primogenito Imperial; e nós em nome do Senhor nosso Deos o reconhecemos por successor de seu Pai em todos os seus direitos.»

E lavado que foi nas aguas do baptismo, chamaram-no Affonso.

Porque assim como Affonso libertou os povos da Lusitania do jugo do captiveiro, assim tambem este trará a regeneração a seus povos abrindo-lhes as portas do futuro.

E passaram-se mezes, e chegou um dia em que o anjo exterminador penetrou os umbraes da habitação dos Imperadôres.

E o Primogenito Imperial subiu ao Céu deixando o pranto e a consternação sobre a face da terra em que nascêra.

Desde um até o outro rio, que como dous braços de gigante

a cingem, desde as montanhas que se elevam além das nuvens até as aguas que se estendem pela profundidade do abysmo, para defendel-a.

Ouviu-se uma harmonia celeste; e era o côro dos seraphins, das potestades, dos cherubins e dos anjos que com dulias canções applaudiam o novo bemvindo.

E conduziram-no ao throno de Deos, e o Senhor abraçando-o, fel-o sentar-se sobre seus degrãos.

Despertei; volvi os olhos, e vi o sol como um globo de sangue a esconder-se no horizonte.

E a luz que derramava era rubra, e seus raios cahindo sobre o palacio de S. Christovão, como lagrimas de sangue, o cingiam da purpura da morte.

E das montanhas, onde estava encastellada, alevantou-se uma nuvem negra, como um gigante que desperta, e para logo transformou-se n'um sarcophago.

E de seu seio partiu um como gemido doloroso.

E minha alma perdêra-se em divagações.

Desci a montanha, e já não resoavam nos valles os canticos de alegria.

E a terra era triste, e as flôres da manhã estavam murchas.

E o Icarahy transvasava-se por sobre as suas represas de arêa, e suas ondas corriam silenciosas como lagrimas sem murmurio.

E o Oceano gemia funebremente quebrando-se pelas praias.

E soavam ao longe os sinos nas torres celebrando as exequias do dia.

E as aves do crepusculo esvoaçavam soltando pios agoureiros.

E a nova da morte do Principe herdeiro era levada por todos os ouvidos, como um susurro sobre as azas da viração.

Então vi que era real a visão.

E senti dobrarem-se-me os joelhos e alçarem-se-me os olhos para o Céu.

E disse a sós com a minha alma, de mãos postas :

« Cherubim de paz que estendeste tuas azas, como dous iris, sobre o Imperio.

« Ao som do hymno que succedeu á celeuma da anarchia.

« Ao ribombo do canhão, que cessára de vomitar a morte entre irmãos.

« Quando todo um povo como um só homem erguia-se para saudar-te como o seu bem vindo.

« E que para logo tomou-te como o talisman de suas sonhadas venturas, porque extinguiam as dissensões entre si.

« Que viste teus Pais ausentarem-se de ti banhados no pranto da saudade por irem aos campos que talára a anarchia a derramar balsamo consolador nas chagas que ainda sangravam, e applacar animos que ainda se resentiam da vingança.

« E ficaste como em penhor de amor e de felicidade á capital do Imperio.

« E tiveste por baluartes nossos peitos e por armas nossos braços.

« Ah! pede a Deos que a sua promessa se realise!

« Implora pelo Imperio que deixaste, e pelos Pais que te perderam. »

ODE

Assim como a bonina, que cortada
Antes de tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, a côr murchada:

CANÇÕES, cant. 3.º, estroph. 134.

Musa qu'aos patrios genios
Tristes nenias, chorosas inspiraste,
Que da mimosa lyra as cordas d'ouro
De dôr quebraste amarga,
No dia em que foi yictima da morte
Affonso o regio Infante;

O coração m'embebe em tuas mágoas,
N'essa dôr tão acerba, qu'inda punge,
Tristes côres apresta
E de funereo dó meu peito cobre!
Mas não, ó Musa! o pranto teu suspende!...
Abafa as ancias e meu estro accende,
Que as azas soltarei ao genio ousado
Por outras regiões.

Ai! que o implume cantor que o adêjo ensaia
As nuvens não devassa;
Nem aligero vôo deslizando,
Qual aguia altiva que perlustra os ares,
Nas do Parnaso regiões sublimes
Sacriligo penetra!
Porém ó Musa, teu auxilio invoco!
O ousado arrojo de teu fogo anima,
Com teu favor entoarei sonoros
Canticos festivos.

De lindas galas arreiada Aurora,
E deslizando enamorada e bella
Aurifina madeixa, que ondulava,
Beijada docemente
Do zephiro suave,
Que manso e manso e tímido a tocava;
De mimosos festões de vivas côres
Cingia o horizonte.

No diaphano campo retumbaram
Estrepitosos echos
De afogueados bronzes;
E dentr'as aguas alevantou garbosa
A humida cabeça
A gentil Nictheroy de jubilo cheia.

De seus pincares nossas altas serras,
Que entre os agigantados braços prendem,
Qual outro Adamastor, o patrio solo;
Festivas saudações, alegres vivas.
Em mil torrentes despejaram grandes,
Como largos lençóis de lympha clara
Que resplendem ao sol.

A natureza inteira trajou galas,
E afogada em prazer entôa canticos,
Que ao Eterno sobem,
Humedecidos do sensível pranto,
Que rebentára na emoção sublime
D'esse supremo instante,
Em que Pai fôra aquelle que Rei era.

Ao som de um grito doloroso, agudo,
Grato a mil corações
Que de esp'rança e susto palpitavam;
Arregaçando as palpebras mimosas,
Como alquebrado de passado esforço,
Do somno despertou, sorrindo ao mundo,
Gentil infante, cuja fronte augusta
Moldára a natureza
Para o peso suster da regia c'rôa.

Qual rosa aljofarada pelas gottas
Limpidas, prateadas
Do rocio matinal, que embevescido
Em extasi suave,
Uma a uma cahir-lhe deixa as lagrimas
Que de seus olhos humidos vertia,
Tal as mimosas faces, lhe orvalhára
O doce maternal suave pranto.

Como se coruscante luz celeste
Lhe animasse as feições, leve poisando
Um sorrir divinal,
Sorrir angelico,
Lhe enfeita os labios, qu'ao rubi não cedem.

Como és encantador, tenro menino,
Tranquillo repousando n'esse berço,
Cercado d'esperanças, de futuros,
Levemente embalado pela brisa
Que em doce oscillação murmura branda
Suave melodia!

Tu, ó Musa gentil,
Que santo entusiasmo, ardente fogo
Em minha alma acendeste,
Conduz-me agora a devassar do Fado
Os secretos arcanos.

Que subita mudança em ti se opera!
Que fria pallidez, qual véo da morte
O rosto te annuvia?!

Que pungentes gemidos dolorosos
Os meus ouvidos ferem?!...

Morreu!... repetem, como em dôr desfeitos,
Os echos lacrimosos!!!...

Morreu? E inda hontem
Saudára aurora radiante e bella
De seu primeiro dia!

E hoje já na campa submergido
Frio como o cadaver!
Ainda hontem no berço
As doces maternaes ternas caricias
Começava a sorrir;

E os ternos Pais já iam soletrando
N'essa doce emoção que alma inunda,
Que é prazer ineffavel, que é delicias,
O caro nome — filho.

Grande Deos! Ah! Senhor! porque tão cedo
E tão inesperado
De tantos beneficios nos privaste?
Como irado teu braço de um só golpe
A cadêa cortou de mil futuros!?
Senhor! que te fizemos,
Assim porque nos punes?!
Ah! sim! meu Deos, é justa a ira tua
A tantas culpas é ligeira a pena!

Que!... E pôde a morte
Despedaçar o fio
Que em torno da celeste magestade
Prende todos os anjos?
Affonso não morreu! porque só morrem
Os miseros mortaes que a carne prende!

Sim! Affonso não morreu,
Rapido somno o arrebatou de novo
Ao continuo soffrer, que vida chamam;
Dorme o somno dos anjos,
E scintillantes raios
Do sublime esplendor do ethereo throno
O extasi abrilhantam do innocente!

Mui rapidos momentos
Em seus brilhantes olhos
Feriu do mundo a luz escassa, turva,
Como o clarão da alampada dos mortos.

Qual candida assucena bella e fresca
D'hastea arrancada pelas mãos mimosas
De pudica donzella,
Ferida do calor desbota e murcha;
Assim tocado o anjo da impureza
Do ar infecto, que respira o homem,
Torpôr intenso lhe abateu as forças,
Murchou como assucena.

Elle pois dorme o somno da innocencia!
Dorme o somno dos anjos!
Enxuguemos o pranto amargurado
Que a paz perturba ao anjo que repousa,
Na gloria do Senhor todo engolfado.

Ais! saudades! expressões d'angustia,
Que tanto nossos peitos magoastes.....
Cessai um pouco.... não façais ruido
O Principe dorme!

Dr. Francisco de Paula Menezes.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).